



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ/UFPA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE GEOGRAFIA/FAGEO
CURSO LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

JUCINEI GARCIA FURTADO

**A DINÂMICA DA FEIRA LIVRE DE CAMETÁ-PA:
ANÁLISE SOCIOESPACIAL APÓS O INCÊNDIO DE 2001**

Cametá-PA

2022

JUCINEI GARCIA FURTADO

**A DINÂMICA DA FEIRA LIVRE DE CAMETÁ-PA:
ANÁLISE SOCIOESPACIAL APÓS O INCÊNDIO DE 2001**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à faculdade de geografia na Universidade Federal do Pará como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Geografia, sob a orientação do Prof. Dr. Rosivanderson Baia Corrêa

Cametá-PA

2022

JUCINEI GARCIA FURTADO

**A DINÂMICA DA FEIRA LIVRE DE CAMETÁ-PA:
ANÁLISE SOCIOESPACIAL APÓS O INCÊNDIO DE 2001**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção de
grau de Licenciatura Plena em Geografia pela
Universidade Federal do Pará

Aprovado em: 27/12/2022

Banca examinadora

Prof. Dr. ROSIVANDERSON BAIA CORRÊA
Orientador - UFPA

Prof. Dr. JOSÉ CARLOS DA SILVA CORDOVIL
Avaliador interno - UFPA

Prof. Me. MIRIAN CLARA CARVALHO RODRIGUES
Avaliadora externa - UEPA

FURTADO, Jucinei Garcia.

A dinâmica da feira livre de Cametá-PA: análise sócio espacial após o incêndio de 2001. 2022. 92 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Geografia) -
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins, Cametá –
PA, 2022.

Monografia (Graduação em Geografia) – Faculdade de Geografia, 2022.

Orientação: Prof. Dr. Rosivanderson Baía Corrêa.

“Os tempos se encontram, desencontram e se abraçam, se arranham, se enlaçam abrigando a torrente do heterogêneo existir. É, o existir, pluralidade dos tempos conviventes no regaço das correntes performáticas, animadas e enfáticas dos inúmeros espaços. O espaço é testemunha dos tempos complexos e banais que se aproximam, se definem, se afetam, se alinham nas fronteiras relacionais. Os tempos se animam, ou afastam seus frontais, se encaixam, desencaixam, se alastram pelo mundo transpassando todos portais”.

(Luiz Carlos Flavio, 2016).

Dedico primeiramente a Deus por ter me concedido coragem para concorrer uma vaga na universidade pública aos 53 anos de idade e ter conseguido passar para cursar licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Pará, a minha esposa Marivalda de Oliveira Furtado e aos meus filhos Jucenil de Oliveira Furtado, Juciélen Oliveira Furtado e Jucielton Oliveira Furtado pelo apoio e incentivo que me deram durante período que estive cursando a faculdade em especial no momento mais difícil para mim que foi o da pandemia do Corona vírus da Covid-19. Dedico também aos meus pais que já partiram, mas que foram fundamentais para a minha base educacional, aos meus irmãos e demais pessoas que contribuíram para a minha formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido a oportunidade de concluir uma faculdade aos 59 anos de idade, aos meus pais que já partiram mas que foram a base principal da minha educação e do meu conhecimento, a minha esposa pelo apoio e pela paciência de suportar a minha ausência durante quatro anos das 18 horas as 22 horas tempo que estava na faculdade, aos meus filhos pelo incentivo e por estarem sempre dispostos a me ajudar nos trabalhos acadêmicos quando eu precisava, aos meus irmãos que sempre me deram força para eu seguir firme nos estudos.

Ao meu orientador, pela disponibilidade e paciência de estar sempre presente nas minhas reivindicações de orientação ao meu trabalho, quero agradecer aos professores pelo empenho em nos repassar um ensino de qualidade, aos colegas de turma pelo esforço e dedicação na hora de desenvolver os trabalhos em equipes e aos demais amigos que me ajudaram de forma direta ou indireta para o êxito da minha formação.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma abordagem sobre as transformações históricas ocorridas na feira livre de Cametá, especialmente as que aconteceram após o incêndio de 2001. Desenvolvemos este trabalho com base no conhecimento empírico e nas pesquisas de campos utilizando o método dialético. O fundamento que nos fez tomar a decisão de abordarmos no mundo acadêmico a feira livre de Cametá foi o fato de observarmos empiricamente a dinâmica dos feirantes e consumidores após o incêndio de 2001. Para atingir os nossos objetivos consultamos obras de diversos autores todos inseridos no contexto histórico das ciências sociais, em especial o da geografia. Dentre eles podemos citar, SANTOS, (2015), TAMER, (1987), POMPEU, (2002), MOCBEL, (2003), Caldas e Oliveira, (2014). Fizemos pesquisa de campo com aplicação de questionários aos feirantes e consumidores nas áreas urbanas, ribeirinhas e rurais e constatamos que a feira livre precisa de melhorias tanto na estrutura física quanto na organização e que ela é muito importante para engrandecer a cultura e movimentar a economia de uma cidade ribeirinha como Cametá por toda as regiões do município.

Palavras-chaves: Feira livre. Espaço. consumidor.

Summary

This work aims to make an approach on the historical transformations that occurred in the free fair of Cametá, especially those that took place after the 2001 fire. We developed this work based on empirical knowledge and field research using the dialectical method. The foundation that made us make the decision to address in the academic world the free fair of Cametá was the fact that we empirically observed the dynamics of fair owners and consumers after the 2001 fire. To achieve our objectives, we consult works of several authors all inserted in the historical context of social sciences, especially geography. Among them we can mention, SANTOS, (2015), TAMER, (1987), POMPEU, (2002), MOCBEL, (2003), Caldas and Oliveira, (2014). We did field research with application of questionnaires to fairer and consumers in the urban, riverside and rural areas and found that the free fair needs improvement in both the physical structure and the organization and that it is very important to increase the culture and move the economy of a riverside city like Cametá throughout the regions of the municipality.

Keywords: Free fair, space, consumer.

LISTA DE SIGLAS

ACFA- Associação dos Comerciantes e Feirantes de Altamira
ADS- Agencia de Desenvolvimento Sustentável
AMA- Associação Agroextrativista dos Moradores do Ajó
APFA- Associação dos Produtores Feirantes de Altamira
APRUSAN- Associação dos Produtores Rurais de Santarém
CASSAM- Cassino dos suboficiais e Sargentos da Aeronáutica de Manaus
CIGS- Centro de Instrução de Guerra na Selva
EB- Exército Brasileiro
EMATER- Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará
HSLM- Hospital Santa Luiza de Marilac
INSA- Instituto Nossa Senhora Auxiliadora
IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
OM- Organização Militar
SEPRO- Secretaria de Produto Rural
SUCAM- Superintendência de Campanhas de Saúde Pública

LISTA DE FIGURAS E LISTA DE MAPAS

Figura-1.	Imagem da Feira do Produtor em Altamira	22
Figura-2.	Imagens da entrada e da parte interna da feira da Cohab em Santarém	25
Figura-3.	Imagens da entrada e da parte interna da feira do aeroporto Velho.	26
Figura-4.	Imagens da entrada e da parte interna da feira do Mercado 2.000.	27
Figura-5.	Imagem do Porto Real de Cametá (1890)	36
Figura-6.	Imagem danificada da antiga cobertura do galpão da feira de Cametá.....	43
Figura-7.	Imagem da entrada do mercado de peixe de Cametá.....	44
Figura-8.	Imagem da parte interna do mercado de peixe.....	45
Figura-9.	Imagem da frente do mercado de carne de Cametá.....	46
Figura-10.	Imagens das partes laterais e central do mercado municipal de carne.....	46
Figura-11.	Imagens do lado esquerdo e direito dos boxes das lanchonetes.....	47
Figura-12.	Imagem do galpão da feira livre de Cametá coberto.....	48
Figura-13.	A esquerda imagem de produtos regionais da via principal do galpão, a direita de produtos regionais da Travessa Ângelo Correa..	51
Figura-14.	Imagens de vendedores de peixe e de carne suína ao lado do trapiche municipal.....	52
Figura-15.	Imagem do trapiche municipal em frente a feira livre de Cametá.....	52
Figura-16.	Imagem da chegada da travessa Ângelo Corrêa ao trapiche municipal.....	53
Figura-17.	Imagem do porto desativado da SUCAM.....	55
Figura-18.	Imagem da parte externa do quarteirão do porto Pedro Teixeira.....	56
Figura-19.	Imagens dos corredores 1 e 2 do porto Pedro Teixeira.....	57
Figura-20.	Imagem do corredor 3 do porto Pedro Teixeira.....	57
Figura-21.	Imagem da frente dos 3 corredores da área do porto Pedro Teixeira.....	58
Figura-22.	Imagem da via principal do galpão da feira livre de Cametá.....	59
Figura-23.	Imagem do boxe do seu gato na entrada do galpão.....	60

Figura-24.	Imagem da feira da farinha.....	61
Figura-25.	Imagens dos dois corredores de importados.....	62
Figura-26.	Imagens dos dois corredores de estivas, corte de cabelo e ração.....	63
Figura-27.	Imagens dos corredores 1 e 2 de roupas no galpão.....	63
Figura-28.	Imagem do corredor 3 de roupas no galpão.....	64
Figura-29.	Imagens do corredor destinado para venda de verdura e hortaliças no galpão.....	65
Figura-30.	Imagens dos dois últimos corredores do lado esquerdo do galpão...	66
Figura-31.	Imagem da Feirinha Agroecológica de Cametá.....	67
Figura-32.	Imagem da área de confecções ao lado do colégio INSA.....	69

LISTA DE MAPAS

Mapa-1.	Mapa cidade de Manaus por zonas.....	23
Mapa-2.	Ilustração das três feiras livres de Santarém organizadas pela APRUSSAN.....	25
Mapa-3.	Mapa da localização da feira livre de Cametá.....	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: ABORDAGEM GERAL SOBRE O CONCEITO DE FEIRAS, DAS FEIRAS AMAZÔNICAS E APRESENTAÇÃO SOBRE A FEIRA DE CAMETÁ.	15
1.1 Histórico das feiras e dos conceitos de feiras	15
1.2 As feiras amazônicas: cores e sabores.....	20
1.3 A feira de cameté: cotidiano e dinâmica	28
CAPÍTULO II – ABORDAGEM GERAL SOBRE O PROCESSO HISTÓRICO	31
2.1 Processo histórico da feira livre de Cameté	31
2.2 Primeiras formas de comércios em Cameté	35
2.3 Incêndio de 14 de outubro de 2001 na feira livre de Cameté.....	39
2.4 Projeto de um galpão para reorganizar os feirantes cadastrados na prefeitura de Cameté	42
CAPITULO III: FEIRA LIVRE DE CAMETÁ NOS DIAS ATUAIS DESCRITA POR SETORES, CADASTROS E IMAGENS E DADOS DA PESQUISA DE CAMPO	49
3.1 Feira livre de Cameté nos dias atuais descrita por setores, cadastro e imagens.	49
3.2 Dados da pesquisa de campo dos feirantes de Cameté.....	68
3.3 Dados de pesquisa com os fregueses que compram na feira de Cameté.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS FEIRANTES DE CAMETÁ	86
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS CONSUMIDORES DE CAMETÁ	91

INTRODUÇÃO

As feiras livres são fontes econômicas que se fazem presentes no mundo desde a idade média promovendo encontros sociais envolvendo culturas diferentes. No Brasil ela foi introduzida pelos colonizadores e apesar das tecnologias modernas utilizadas pelas grandes empresas e supermercados, elas estão em muitos municípios do Brasil inclusive no de Cametá, são uma das principais fontes de abastecimentos de produtos naturais regionais e de mercadorias industrializadas nas cidades.

Este trabalho tem como objetivo principal impulsionado pelo conhecimento das ciências sociais em especial o da Geografia fazer uma abordagem sobre as transformações históricas da feira livre de Cametá, como aconteceu suas primeiras formas de comércio e tomando como marco principal o incêndio que ocorreu na feira livre de Cametá em 14 de outubro de 2001, procurando demonstrar quais as transformações que se sucederam no espaço da feira livre decorrente desse incêndio, conhecer a realidade, entender a importância que ela tem para uma cidade ribeirinha como Cametá e sugerir proposições de melhorias levando em consideração os aspectos físicos, econômicos, sociais e culturais que envolve as zonas, ribeirinhas, rurais e urbanas. Para melhor discorrer a temática visitaremos a partir de outros trabalhos as características desse sistema de comércio nas cidades amazônicas, tomando como exemplo as feiras de Altamira, Manaus e Santarém.

O fundamento que nos fez tomar a decisão de abordarmos no mundo acadêmico a feira livre de Cametá foi o fato de termos observado empiricamente o cotidiano dos feirantes analisando as constantes transformações ocorridas nesse espaço após o incêndio de 14 de outubro de 2001 e as sociedades de diferentes culturas que se entrelaçam na feira livre vendendo e comprando mercadorias, fazendo a economia girar por toda a região municipal nos revelando a importância de uma feira livre para a economia de um município localizado em áreas ribeirinhas e pela resistência das feiras diante das altas tecnologias utilizadas pelas grandes indústrias, supermercados, lojas e comércios eletrônicos.

Desenvolvemos esse trabalho baseado no conhecimento empírico e nas pesquisas de campos, para nos aprofundar nas nossas pesquisas utilizamos o método dialético, onde se pode argumentar, discutir e debater com mais

consistência sobre as problematizações existentes no local pesquisado e alcançar da melhor forma os objetivos desejados.

Nossa pesquisa é de cunho quali-quantitativo em que buscamos averiguar a qualidade de vida e situação econômica dos feirantes e consumidores que frequentam a feira.

Utilizamos diversas fontes em nossa pesquisa onde podemos citar obras de vários autores, tese, monografias, artigos e sites, todos inseridos dentro do contexto histórico das ciências sócias em especial o da Geografia buscando compreender os processos históricos das feiras livres.

Como complemento de nossas pesquisas para compreendermos os processos históricos, econômicos, políticos, sociais e culturais da feira livre de Cametá aplicamos 82 questionários abrangendo 10% de cada categoria de feirantes e 30 aos consumidores sendo 10 para os das zonas ribeirinhas, 10 para a zonas rurais e 10 para zonas urbanas. Nos questionários aplicados aos feirantes contém 30 perguntas e aos consumidores contem 15. Nesse trabalho utilizamos ilustrações extraídas de obras de autores como mapas, imagens, no momento das pesquisas de campo, foram registradas fotografias dos setores para caracterizar melhor o espaço físico, demonstrar a problematização e sugerir opções de melhorias. Representamos por meio de gráficos as características das rendas dos feirantes, dos percentuais dos consumidores das zonas urbanas, ribeirinhas e rurais, demonstramos em um mapa a localização da feira livre de Cametá, a área que ela abrange e descrevemos com pontos coloridos a localização de cada setor da feira.

Começamos o nosso trabalho fazendo uma abordagem geral sobre o histórico de feira e do conceito de feira demonstrando como e quando ela surgiu e a importância de uma feira para o desenvolvimento socioespacial, econômico e cultural de um município; em seguida fizemos uma análise teórica sobre as feiras amazônicas observando a Feira do Produtor em Altamira, as duas feiras de produtos regionais em Manaus do CIGS e do CASSAM organizada pela Agencia de Desenvolvimento Sustentável em parceria com o Exército Brasileiro, Secretaria de Produto rural e pelos camponeses locais; Observamos as três feiras em Santarém, a do Aeroporto Velho, a do Mercado 2000 e a da Cohab organizadas pela Associação dos Produtores Rurais de Santarém;

Fizemos uma abordagem sobre a feira de Cametá argumentando sobre as condições financeiras e do cotidiano dos feirantes e produtores enfatizando sobre as

transações comerciais entre os povos da cidade, das zonas ribeirinhas e rurais em seguida abordamos sobre o processo histórico de Cametá, buscamos saber como e quando aconteceu suas primeiras formas de comércio, quando surgiu as primeiras aglomerações no envoltório do Porto Real, dos surgimentos das primeiras barracas constituindo o começo da feira livre de Cametá, como ela foi evoluindo e sobre as problematizações no decorrer desse processo, comentamos sobre o incêndio ocorrido em 14 de outubro de 2001 e das consequências que ele causou para o espaço físico da feira e para os feirantes de Cametá, sobre o projeto criado pela prefeitura de Cametá em parceria com o governo federal da construção de um galpão para reorganização dos feirantes de Cametá.

Abordamos um pouco sobre uma feirinha Agroecológica que funciona todos os sábados na Praça das Mercês em frente ao colégio INSA e com o resultado das pesquisas de campo retratamos a realidade atual da feira livre de Cametá demonstrando o seu espaço físico por cadastro e setores utilizando fotografias para termos noção de como estão distribuídos os produtos à venda, da complexibilidade que a feira livre apresenta, descobrimos onde a feira funciona de forma satisfatória para os feirantes e consumidores, em que parte precisa melhorias e o que deve ser feito na opinião deles para melhorar o espaço e a venda, por último ilustramos através de gráficos a renda média dos feirantes considerando os locais de mais movimentos populacionais, pouco e quase sem movimentos e o percentual de vendas deles para as zonas ribeirinhas, rurais e urbanas.

CAPÍTULO I: ABORDAGEM GERAL SOBRE O CONCEITO DE FEIRAS, DAS FEIRAS AMAZÔNICAS E APRESENTAÇÃO SOBRE A FEIRA DE CAMETÁ.

1.1 Histórico das feiras e dos conceitos de feiras

Antes de adentrarmos sobre uma observação do espaço da feira livre de Cametá para desvendarmos suas características se faz necessário fazer uma abordagem sobre o histórico de feira e do conceito de feira livre. A palavra “feira” deriva do latim “feria” e significa dia santo, feriado ou dia de descanso, e a palavra freguês usada para tratamento dos consumidores de feira livre teve sua origem também no latim “filiu ecclesiae” que significa “filhos da igreja” onde os comerciantes preocupados em vender o excedente da produção, se reuniam nas proximidades das igrejas aos domingos dia dedicado ao senhor para comercializar os seus

produtos porque era os espaços onde tinham os maiores fluxos de pessoas. Na antiguidade, as feiras livres tinham o objetivo de promover trocas de mercadorias entre pessoas de diferentes lugares com o objetivo de satisfazer as necessidades das sociedades em seu particular. Esse sistema comercial para DANTAS, (2008 *Apud* ANDRADE, 2016, p. 20), diz que:

Primeiramente, essa atividade comercial teve seu início com as cruzadas, sendo que era essencial um modelo comercial que satisfizesse as necessidades dos que praticavam esse comércio. Nesse sentido," a troca de produtos surgiu e se desenvolveu na sociedade no momento em que passou a existir um excedente regular de produção, fruto do desenvolvimento das forças produtivas.

Para Barbosa (2013, p. 32): "A formação de excedentes de produção é a principal causa da origem das feiras" As trocas das mercadorias começaram pelo fato de serem produzidos diversos tipos de produtos o que fez com que um produtor necessitasse do excedente do outro. Esse mercado começou entre pequenos grupos e depois passou a ser em lugares diferentes e posteriormente em larga escala de país para país. As primeiras trocas existentes eram apenas de mercadorias por mercadorias.

As feiras livres eram uma forma de mercado popular na Idade Média, destacavam-se como atividades comerciais que funcionavam em formas de trocas de mercadorias com diferentes produtos que vinham de diversos lugares, com o objetivo de abastecer as necessidades particulares de cada indivíduo. As feiras livres se intensificaram com maior força no final da Idade Média e com a decadência do sistema feudal onde os burgos, nomes que eram dados às cidades medievais que antes pertenciam aos senhores feudais, passaram a representar o local de origem das feiras livres e tiveram um maior desenvolvimento nesse período de intensidade do comércio a partir do século XI.

As trocas de produtos em diversos lugares possibilitaram a expansão dos excedentes, fazendo assim surgir a imagem do comerciante que com o aumento das produções e da vinda de consumidores de diferentes localidades em busca de produtos novos, fez com que o sistema de trocas se tornasse uma atividade essencial para o comércio que com o tempo passou a concentrar em vários lugares estratégico (Feiras) uma grande diversidade de produtos para suprir a demanda do mercado.

Com o declínio do feudalismo e o surgimento do modo de produção capitalista, esse mercado comercial teve sua propagação ligada ao crescimento das relações comerciais, ganhando uma nova configuração econômica. O comércio que antes se mantinha através das trocas de mercadorias transformou-se na economia de sistema monetário e em uma atividade comercial em expansão, exercendo um papel essencial na introdução do dinheiro e na conservação do capitalismo, como também no despontar de novas cidades. (ANDRADE,2016, p. 21).

Com o passar do tempo e com o surgimento da burguesia as feiras livres foram se desenvolvendo cada vez mais e esse período foi denominado de Renascimento impulsionado pelas Cruzadas. Com a abertura do Mar Mediterrâneo, com a introdução da moeda como base de troca, essas feiras destinadas à comercialização dos produtos dentro dos burgos (cidades) onde os mais diversos produtos eram comercializados acabaram por impulsionar o crescimento demográfico e da agricultura, proporcionando um maior crescimento do comércio e o surgimento de uma nova classe social já preocupada mais com o lucro e a participação política, era o surgimento de um sistema capitalista primitivo. Esse sistema de trocas de produtos, com a nova configuração econômica ganhou grande intensidade de expansionismo que deixou de ser um sistema de troca de produtos e passou a ser um sistema de ações monetárias.

As feiras livres são espaços que foram se tornando importantes pontos de distribuição comercial bem como uma forma de comunicação popular, sendo caracterizada pelo encontro periódico de pessoas que se reuniam em algum espaço pré-determinado da cidade (burgos), para vender seus produtos à população ou mesmo realizar trocas. Diante desse sistema de objetos e sistema de ações (SANTOS 2006), as feiras foram se desenvolvendo e se transformando em um fenômeno que existe até os dias de hoje, em todas as partes do mundo. E podemos observar que mesmo com o surgimento das lojas, supermercados e shoppings, as feiras livres continuam existindo na maioria das pequenas e grandes cidades do mundo, situação que confirma a existência de uma das mais antigas tradições do homem em meio um sistema globalizado de comércio onde você pode fazer suas compras e pagar sem sair de casa.

Diante da busca dos países europeus para encontrar novas rotas comerciais e de acumulação de capital, surge um novo modelo de acumular lucro que é o colonialismo, onde os europeus tinham o objetivo de explorar as riquezas naturais descobertas nos novos territórios por meios das grandes navegações europeias. As feiras livres estão presentes nos costumes e nas culturas da sociedade brasileira

desde o período colonial exercendo papel importante no desenvolvimento econômico, cultural, social e na formação dos núcleos urbanos.

As feiras livres estão para além de espaços de comercialização de produtos, elas se destacam também como espaço de socialização promovendo encontro entre indivíduo da cidade, das zonas rurais e ribeirinhas. O sistema de colonialismo foi um dos primeiros introduzidos no Brasil pelos portugueses logo após o descobrimento do Brasil. Foi um momento marcado historicamente pelos brasileiros onde ocorreu vários combates entre nativos e portugueses em defesa do território, mas os portugueses por meio da catequese aos poucos foram domesticando os índios, conquistando espaço e implantando suas crenças e seus costumes em meio a população nativa.

Após a colonização o rei de Portugal D. João III que já conhecia como funcionava o sistema de feira, em 1548 deu ordem que se realizassem em um dia da semana a feira livre para que a população nativa viesse vender seus produtos e comprar as mercadorias que tivessem necessidades, mas, a verdadeira intenção do rei de Portugal não era suprir as necessidades dos nativos, mas sim abastecer a metrópole para posteriormente exportar para Portugal.

No Brasil no tempo colonial existiam dois tipos de feiras, a de mercado que acontecia aos sábados com o objetivo de abastecer a população urbana de gêneros alimentícios para a sua subsistência e a Feira Franca que era realizada no máximo duas vezes ao ano para a comercialização do gado.

Foram as feiras que promoveram o desenvolvimento da economia interna do país. Entre as mais tradicionais feiras está em destaque a maior feira livre do país e da América Latina chamada Ver-o-Peso que ocorre na cidade de Belém do Pará desde o século XVII e a Feira de Caruaru em Pernambuco que teve seu início no final do século XVIII. Tanto a feira livre do Ver-o-Peso em Belém quanto a de Caruaru, tem grande importância histórica, e por isso foram indicadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como Patrimônio Imaterial do Brasil.

As feiras livres fazem parte das culturas das áreas urbanas do Brasil, e apesar do constante crescimento, do desenvolvimento do comércio, de inovação tecnológica que oferece condições para as grandes empresas venderem seus produtos pela internet e com facilidade de pagamento, mesmo com toda essa facilidade para as grandes empresas, as feiras livres se mantêm tanto nas grandes

quanto nas pequenas cidades brasileiras. Essa resistência das feiras livres só é possível pelo fato de promover dentro de um mesmo território a funcionalidade de diversos tipos de comércios permitindo a circulação e encontro de pessoas, de culturas, escolaridades e costumes diferentes. Barbosa (2013, p. 42, 43) diz que:

Dessa maneira, a *feira* é, reconhecidamente, um espaço – um mundo – de percepções, sentidos e interações, no qual redes de educação, sociabilidades e culturas são tecidas por feirantes e fregueses. Assim, as construções simbólicas inerentes à constituição de territórios fazem desse local, ao mesmo tempo, território funcional e simbólico, pois exerce-se domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”. Como nas sociedades tradicionais, nesse território, exercem-se funções materiais, responsáveis pelo sustento, mas, por outro lado, identificam-se referentes simbólicos fundamentais à manutenção da cultura.

Para Barbosa, “enquanto território funcional, as feiras livres definem-se enquanto lugar” conceito que para Émile Durkheim (1989), representava a distinção formal entre espaço, ritual, local religioso e não religioso. As feiras livres são lugares onde acontece os encontros diários de pessoas das áreas urbanas, das zonas rurais, ribeirinhas e até de municípios vizinhos com intencionalidades diferentes, alguns vão às feiras para expor seus produtos, outros para fazerem compras, visitarem amigos, conhecerem as diversidades culturais locais. Entre os produtos expostos nas feiras podemos encontrar, produtos industrializados pelas grandes empresas, artesanais confeccionados individualmente ou por famílias e cooperativas, extraídos das florestas como frutas e caças e os pescados extraídos dos mares e de cativeiros entre outros excedentes.

As feiras livres além de proporcionarem à sociedade uma enorme diversidade de produtos, naturais, industrializados, artesanais e encontros culturais, elas também refletem no sistema geral da economia do município, do estado e até do país pelo fato de que o feirante ao vender as suas mercadorias, o dinheiro das vendas um percentual eles utilizam para repor as suas mercadorias que vem de várias partes do município, do estado e do país, como no caso da carne, frangos, peixes, frutas, verduras, eletrodomésticos e remédios e de outros países como no caso dos importados, fazendo a economia circular nesses setores.

Um outro percentual de suas vendas os feirantes utilizam para comprarem os produtos de suas necessidades que podem ser na própria feira livre, nos supermercados, nas lojas de materiais de construção, nas farmácias etc. que por sua vez utilizam o dinheiro que recebem dos feirantes para reabastecer os estoques de suas mercadorias comprando no país ou mundo a fora. E alguns feirantes que

conseguem um excedente a mais tiram um percentual para fazer uma poupança, dinheiro que é utilizado pelas instituições financeiras para movimentar o sistema monetário do país. É evidente a percepção de que uma feira livre em espaço urbano com suas diversidades de produtos, com pessoas de raças e culturas diferentes que vem de diversas regiões de um município e de municípios vizinhos para venderem as suas produções, é a principal responsável pela circulação da economia por todo o município em que se localiza.

1.2 As feiras amazônicas: cores e sabores

Neste tópico temos o objetivo de analisar e compreender as formas de organização e do trabalho nas feiras amazônicas, demonstrar como elas funcionam em várias cidades amazônicas brasileiras enquadrando os mais diversos produtos comercializados sendo eles naturais, industrializados ou orgânicos e observar o que elas têm em comum com a feira livre de Cametá. As feiras livres amazônicas vêm sofrendo nos últimos tempos um tipo de pressão quanto ao seu modo tradicional de comercializar as suas mercadorias que estão voltadas mais para os produtos extraídos das florestas e das agriculturas familiar.

Com o sistema global de comercialização implementado pela modernização, com o surgimento do Agronegócio que corresponde a todas as atividades econômicas ligadas ao comércio de produtos derivados da agricultura onde as técnicas do agronegócio têm o objetivo de aperfeiçoar o sistema das atividades agrícolas com eficiência para poder controlar o modo de produção.

Essa produção abastece os grandes supermercados das cidades amazônicas por preços baixos, onde os supermercados vendem no cartão de crédito em que os consumidores podem dividir em várias parcelas o pagamento de suas compras, mas apesar de todas as tecnologias utilizadas pelo agronegócio para ter o comando da produção agrícola, produzindo em grande escala, o modo tradicional de venda das feiras amazônicas continuam resistindo pelo seu caráter tradicional, intercomunicativo, promovendo encontros de pessoas de várias regiões de um município que trazem as diversidades de produtos extraídos dos rios, florestas ou cultivados por eles para vender nas cidades.

O universo amazônico tem, em suas feiras, espaços sociais que permitem entender partes das transformações e intercomunicações, tal como se expressa a vida nestes receptáculos de pessoas vindas de situações e lugares os mais diversos (Guerra; Souza, 2010, p. 120).

Esses vendedores que vem dos interiores fazer as suas vendas são deparados por atravessadores que normalmente já tem os seus locais demarcados pelos fiscais das prefeituras para desenvolverem as suas vendas, mas em algumas cidades como a de Cametá tem um dia reservado para os produtores rurais e ribeirinhos fazerem as suas vendas, lugares que são denominados como feiras dos produtores o que vamos demonstrar dando exemplo de algumas feiras amazônicas.

A Feira Livre e a Feira do Produtor na cidade de Altamira no Pará são exemplos de feiras amazônicas. A feira, livre e do produtor funcionam as sextas feiras e aos sábados até meio dia e em alguns outros dias da semana, mas com baixo movimento. As duas feiras, livre e do produtor, nos dias de mais movimentos abrangem o quarteirão que envolve as ruas, Avenida Tancredo Neves, Salim Manuad, Alacid Nunes e Pedro Gomes.

A Feira Livre foi fundada em 1987 pela Associação dos Comerciantes e Feirantes de Altamira (ACFA) e se diferencia de a feira do produtor pelo fato de seus comerciantes não serem exatamente os produtores das mercadorias que vendem, eles são caracterizados como atravessadores que intermediam as mercadorias dos produtores até os consumidores, o que faz com que os produtos cheguem com preços mais elevados até os consumidores.

A Feira do Produtor foi fundada em 1989 pela Associação dos Produtores Feirantes de Altamira (APEFA) com o apoio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (EMATER) onde são os próprios feirantes produtores que fazem as vendas de suas mercadorias que são produzidas por eles e seus familiares, fato que favorece os produtores comerciantes que vendem as suas produções por um preço mais elevado melhorando a sua renda e aos consumidores que acabam economizando comprando por um preço mais baixo do que dos atravessadores, diretamente dos produtores. Nos meses de colheita em que os movimentos são mais intensos muitos dos comerciantes e produtores colocam as suas mercadorias para venda fora do galpão. Guerra e Souza (2010, p. 124) diz que:

A pista da Avenida Tancredo Neves, em frente o mercado, fica interdita desde a sexta feira. Produtos volumosos como melancias [*citrullus lanatus* (Thunb.) Matsum. & Nakai], aboboras (*Cucurbita pepo*, L.), cupuaçu (*Teobroma grandiflorum*, Schum.), banana (*Musa paradisiaca*, L.), coco (*Cocos nucifera* L.), mandioca. (*Manihot esculenta* Crantz), galináceos, sacarias, e vendedores ambulantes de lanches de origem municipal, regional e interestadual podem ser encontrado ali, nas formas mais tradicionais e improvisadas de troca.

Fato que podemos observar na figura -1

Figura 1 – Imagem da Feira do Produtor em Altamira.



Fonte: Gutemberg Guerra (2010)

Na ilustração acima podemos observar as diversidades de produtos cultivados pela agricultura familiar em Altamira como os produtos derivados da mandioca, a farinha d'água, farinha de tapioca, tucupi, beiju; os de hortaliças como, tomate, alface cheiro verde, melancia; os extraídos das florestas amazônicas como, jaca, bacuri, bacaba, maracujá entre outros produtos que enriquecem a culinária amazônica e fortalecem a tradição das feiras livres nas cidades amazônicas ameaçadas pelo grande poderio das empresas que compõe o agronegócio na Amazônia.

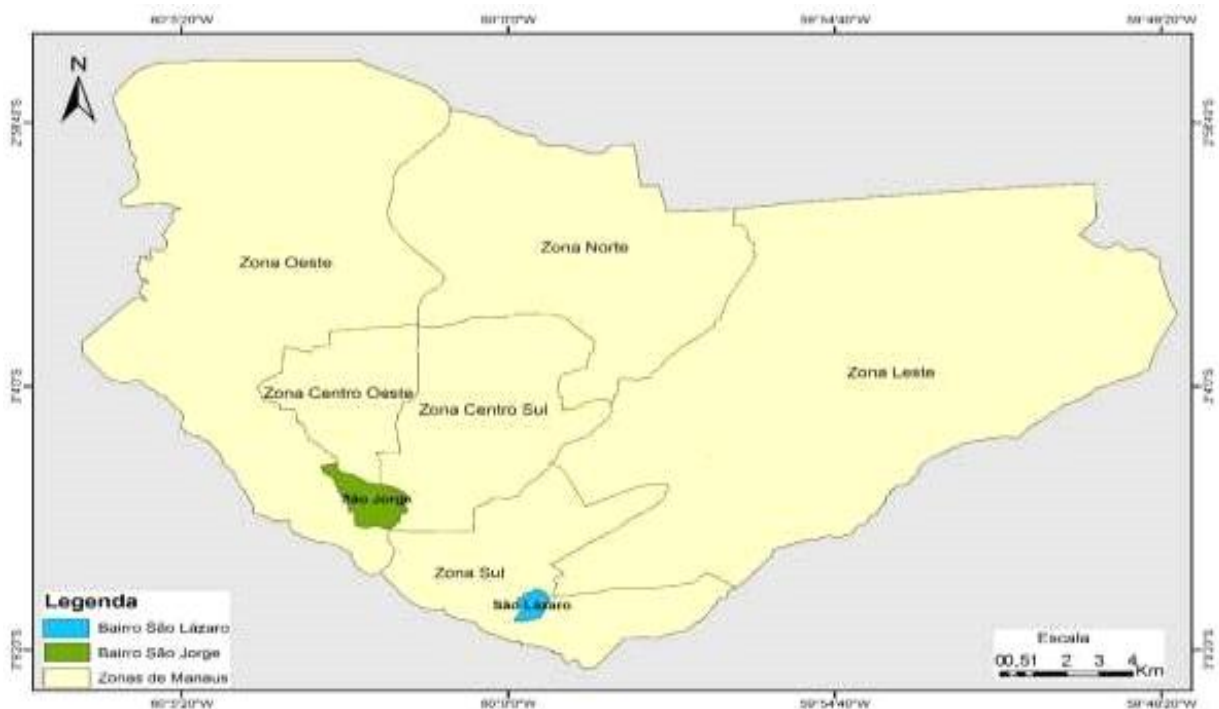
Nos períodos de maior movimento na feira do produtor, Guerra e Souza (2010, p.125) diz que:

De qualquer ângulo que se olhe a feira, ela se revela em especificidade em cada canto, em cada pedaço. Os produtos amontoados formam sendas e paisagens, montes verdes, marrons, aglomerados de gentes nas esquinas, estacionamentos, becos, vielas. A diversidade vai se revelando nas roupas das pessoas, nos tipos físicos, nas aparências das classes sociais representada em cada detalhe.

A feira livre e do produtor em Altamira é uma perfeita demonstração de feira amazônica onde prevalece a diversidade dos produtos da agricultura familiar e extraídos das florestas.

Outro exemplo de feiras amazônicas são as duas Feiras de Produtos Regionais em Manaus, organizadas pela Agencia de Desenvolvimento Sustentável (ADS) em parceria com o Exército Brasileiro (EB), Secretaria de Produto Rural (SEPRO) e prefeituras locais onde os camponeses é que vendem as suas produções diretamente aos consumidores. As duas feiras são denominadas com o próprio nome das instituições, uma é a feira do CIGS que está localizada no estacionamento da Organização Militar (OM) do Exército Brasileiro (EB) no bairro São Jorge com o nome de Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS). A outra é a feira do CASSAM que está localizada no estacionamento do Cassino dos suboficiais e Sargentos da Aeronáutica de Manaus (CASSAM) no bairro São Lázaro como está ilustrado no mapa-1

Mapa 1 - Mapa da cidade de Manaus por zonas.



Fonte: M. Suani (2014).

A ADS é responsável pelo desenvolvimento Sustentável do Amazonas e atua na organização e escoamento da produção da agricultura familiar e do extrativismo em parceria com o Exército Brasileiro buscando as produções junto aos produtores para venderem diretamente aos consumidores. O projeto das feiras dos

produtores regionais do Amazonas iniciou em 2008 com a feira de produtos regionais do SIGS e depois em 2012 com a feira do CASSAM denominada de Feira da Economia Feminista e Solidária de Produtos Regionais.

Nesta parceria, para a realização das feiras, a ADS cadastrou os produtores locais e do interior interessados em vender sua produção, através do sindicato e organizações locais, juntamente com seus parceiros disponibilizaram aos produtores o apoio logístico (transporte dos produtos em caminhão baú e dos feirantes em ônibus para aqueles que não dispunham de transporte próprio) e a infraestrutura completa como tendas, mesas, cadeiras e caixas para exposição dos produtos, organiza o espaço cedido, além de fornecer aos feirantes a pesquisa de preço. (VARGAS; VARGAS, 2015, p. 11).

Diante de pesquisas feitas foi constatado que mais de 70% dos produtores vendedores nas feiras regionais do SIGS e do CASSAM são do gênero feminino. Vargas e Vargas (2013, p. 13) diz que:

A mulher é mais determinada, de atitude, trabalha muito, tem mais responsabilidade e sabe vender melhor que o homem. Se comunica mais. (Entrevistada, CIGS, 2013).

A mulher vem ganhando espaço, se esforça, faz curso, vende mais que os homens. Meu pai é que planta, eu ajudo, mas quem vende na feira sou eu. (Entrevistada, CASSAM 2014).

Foi abordado pelos dois autores que desenvolveram as pesquisas sobre as feiras do SIGS e do CASSAM que ambas estão voltadas para a agricultura familiar orientados pelos chefes de cada família, tendo as mulheres com maior destaque nas lavouras e na comercialização da produção familiar, que houve melhora nos lucros das vendas para os agricultores por estarem vendendo diretamente aos consumidores e aos consumidores que podem ter menores preços na hora de fazerem suas compras por estarem comprando direto dos produtores.

Podemos citar como outro exemplo de feiras amazônicas as feiras do Aeroporto Velho, Mercado 2.000 e Cohab na cidade de Santarém organizadas pela Associação dos Produtores Rurais de Santarém (APRUSSAN), que teve como principal objetivo de organizar os feirantes camponês da agricultura familiar dando incentivo para que eles pudessem vender seus produtos diretamente aos consumidores com o intuito de os agricultores obterem melhores rendas. As três feiras estão localizadas nos bairros do Aeroporto Velho, Fátima e Diamantino/Cohab, como podemos ver na ilustração do mapa a seguir.

Mapa 2 - Ilustração das três feiras livres de Santarém organizadas pela APRUSSAN.



Fonte: Moraes, Guedes e Cardoso (2017).

Na ilustração acima estão destacadas a localização das três feiras, objetos de nossa pesquisa, essas três feiras investigadas possuem dinâmicas e espacialidades diferentes, com funcionamento em dias distintos, sendo que a feira da Cohab foi inaugurada em 1992 e funciona em dois dias da semana, (sexta e sábado). Dentre as três feiras é a que tem a infraestrutura mais precárias que segundo os entrevistados é um fator que interfere juntamente com os produtos na atração dos clientes para dentro da feira, o que podemos ver na figura - 2.

Figura 2 - Imagens da entrada e da parte interna da feira da Cohab em Santarém.



Fonte: Moraes: (2017).

Os comerciantes dessa feira são todos integrantes de produtores da Agricultura Familiar o que dá pra perceber nos produtos expostos para venda nas barracas como: pepino, tomate, batata, pimentão, cheiro-verde, banana entre outros.

Na arquitetura se observa que são todas construídas em madeiras e cobertas com lonas improvisadas como destaca um dos entrevistados por Moraes, Guedes e Cardoso (2017, p. 7).

“A infraestrutura não é boa! Quando chove fica difícil, se perde produto e cliente. E quando chega o “verão” as coberturas das barracas esquentam muito e ninguém quer ficar em um local assim.” (Fonte: Entrevista com Feirante A. S. durante o trabalho de campo na feira da Cohab em março de 2017).

Sobre o comentário dos autores a feira do Aeroporto Velho foi fundada em 1990 e funciona em um dia (Domingo) dentro de um galpão construído pela APRUSSAN em parceria com o sindicato dos trabalhadores rurais, governo do estado, municipal e empresas privadas. Foi construído exclusivamente para os camponeses venderem as suas produções sem a intermediação dos atravessadores. O que está ilustrado na figura – 3

Figura 3 – Imagens da entrada e da parte interna da feira do aeroporto Velho.



Fonte; Moraes, Guedes e Cardoso (2017).

Percebemos na Imagem à esquerda da entrada da feira do Aeroporto velho a sigla da Associação dos Trabalhadores Rural de Santarém (APRUSSAN) que está envolvida na organização das três feiras em Santarém. Na Imagem da direita visualizamos as diversidades de produtos provenientes da agricultura familiar com forte presença dos derivados da mandioca. É uma feira bem mais organizada do que a feira da Cohab, localizada dentro de um galpão coberto com estrutura metálica e se percebe o nome da associação até nos tabuleiros de exposição dos produtos.

Diferente da feira da Cohab e da do Aeroporto a do Mercado 2.000 funciona todos os dias da semana.

Dentre as três feiras de circulação do produto do trabalho camponês na cidade de Santarém, sem dúvida a feira do Complexo Mercado 2000 é aquela que oferece maior dinâmica e diversidade de produtos e comércio. Há nessa feira uma diversidade de produtos que chegam todos os dias para abastecer as mesas dos trabalhadores que vivem na cidade. Aqui são vendidos e comprados, peixes, frutas, verduras, óleos de palmeiras, óleos de peixes, e uma infinidade de produtos extraídos da floresta. Tudo entra no circuito inferior da economia da cidade (MORAES; GUEDES; CARDOSO, 2017)

Há na feira do Mercado 2000 uma diversidade de produtos que chegam todos os dias para abastecer as mesas dos trabalhadores que vivem na cidade. Ali são vendidos e comprados, peixes, frutas, verduras, óleos de palmeiras, óleos de peixes, e uma infinidade de produtos extraídos das florestas. Barcos, caminhões, caminhonetes, carroças e carros empurrados a braços, desembarcam toneladas de produtos nessa feira durante o dia e noite.

Trabalhadores rurais e atravessadores expõem suas mercadorias a espera de clientes todos os dias da semana. E nesse processo a feira acontece confirmando a ideia de que o campo não se realiza sem a interação com a cidade, assim como a cidade é dependente do trabalho do homem do campo. Nessa relação de interdependência entre campo e cidade é que os fluxos se realizam no espaço de interações estabelecido nas dinâmicas das feiras livres camponesas nas cidades Amazônicas.

Como relata os autores a feira do Mercado 2.000 é que oferece melhores condições de instalações e de funcionamento dinamizando os fluxos diários de mercadorias que vem das mais diversas comunidades das zonas de terras firmes e de várzeas como podemos ver na figura – 4.

Figura 4 – Imagens da entrada e da parte interna da feira do Mercado 2.000.



Fonte: Moraes, (2017).

A emblemática dessa feira é que parte dos comerciantes são atravessadores, fato que é questionado pelos feirantes produtores cadastrados na Associação dos Trabalhadores Rurais de Santarém (APRUSSAN), porque os atravessadores ocupam espaços que foram construídos para atender exclusivamente as necessidades dos feirantes camponeses na possibilidade de eles obterem melhores rendas no seu trabalho.

Diante da pesquisa feita sobre as feiras amazônicas constatamos que a maioria dos produtos comercializados são advindos da agricultura familiar, e para se manter viva estão sempre apoiadas por algumas organizações sociais como: Cooperativas, ongs, sindicatos entre outras.

1.3 A feira de Cametá: cotidiano e dinâmica.

A feira livre de Cametá como as demais feiras amazônicas estão inseridas no circuito inferior da economia urbana (SANTOS, 1978) onde a maioria dos feirantes trabalham na informalidade de forma tradicional sem pagar imposto para o governo. Com esse pressuposto os prefeitos não dão muita importância para a feira e alegam que não tem recursos para investir na infraestrutura da feira livre de Cametá.

Apesar da feira livre de Cametá está inserida no circuito inferior da economia urbana (SANTOS, 1978) de nosso país onde a maioria dos feirantes fazem as suas vendas no modo tradicional, troca dinheiro por mercadoria, na informalidade, sem cadastro na receita federal e sem pagar imposto, é ali que acontece o maior fluxo diário de pessoas vindas das mais diversas áreas do município de Cametá e de municípios vizinhos como, de Limoeiro de Ajuru, Mocajuba, Baião e Oeiras do Pará e se entrelaçam entre as populações ribeirinhas, rurais e urbanas promovendo o encontro de culturas e costumes diferentes.

A feira livre de Cametá como as demais feiras amazônicas é composta por grandes variedades de produtos diversificados e atrai os visitantes que vem dos mais diversos lugares do interior do nosso município, de municípios vizinhos e da capital do nosso estado que frequentam nossa cidade nas férias e tempo de carnaval.

Entre os produtos comercializados na feira de Cametá estão os de alimentação como carne bovina, carne suína, frangos de granja, frangos caipiras vindos das zonas rurais e criados em fundos de quintais, Camarão, peixes como

curimatã e tucunaré que vem de áreas ribeirinhas de nosso município e do lago de Tucuruí, o caranguejo e a Sarda que vem da região dos salgados, filhote, dorado, o nosso tradicional mapará, e peixes criados em cativeiro, tambaqui, tilápia, pirabanha, entre outros não citados. No tempo do Círio de Nazaré são comercializados bastantes patos vindos do interior do município que é o cardápio mais procurado nessa época.

São encontrados também na feira livre de Cametá os produtos extraídos e cultivados nas florestas amazônicas pela agricultura familiar como: bacaba, bacuri, abacaxi, melancia, maxixe, quiabo, banana, manga, ingá, cacau, uxi, marí, abóbora, pimenta de cheiro, cheiro-verde, alface; comercializam também plantas medicinais como, malva rosa, alecrim, boldo, patchuli, amor crescido, jucá, óleo de andiroba; se encontra na feira de Cametá os mais variados produtos derivados da mandioca como, macaxeira, bolo de macaxeira, farinha d'água, farinha de tapioca, tapioca em massa para fazer o tacacá, beiju de tapioca ou tapiquinha, tucupi, entre outros que podem ser feitos da mandioca.

Outros produtos que atraem as pessoas estão nas barracas que vendem roupas e vem de vários lugares do nosso país como de São Paulo, Fortaleza, Caruaru, Santa Cruz de Pernambuco e Toritama e em sua maioria de Belém do Pará. Nas barracas de venderem roupas se encontram vestimentas para adultos, jovens, crianças e bebês. Encontramos também na feira De Cametá barracas de produtos artesanais, DVDs, armarinhos, ração, cafezinhos, mingau, sopas e muitos vendedores ambulantes.

Toda essa diversidade de produtos é que enriquecem a culinária e a cultura cametaense atraindo pessoas de diversos lugares do nosso município e do estado do Pará para visitarem e apreciarem um pouco de tudo aquilo que a nossa feira oferece. Diante desses encontros e desencontros em nossa feira vão surgindo as amizades, os namoros e até casamentos entre pessoas de localidades diferentes ocasionando a mistura de raças e culturas. Nos pontos de lazer mais próximos da feira livre de Cametá como a Praça das Mercês e no cais da orla de Cametá tanto de manhã, à tarde ou à noite visualizamos casais, jovens de diferentes lugares batendo aquele papo fortalecendo os laços de amizades.

Outro motivo que atrai visita de pessoas de fora ao nosso município são os monumentos com as estátuas de pessoas que foram importantes para a formação do nosso município como a de Pedro Teixeira localizada no porto da feira livre. Segundo Santos (2015) Pedro Teixeira foi um desbravador militar português que em

1637 organizou uma expedição recrutando 1000 índios flecheiros, remeiros, 70 soldados e partiu da praia do porto da Vila Viçosa de Santa Cruz de Cameté (atual Cameté Tapera) comandando 45 embarcações passando por Belém do Pará seguindo para o Peru chegando até Quito no Equador. Fundou Franciscana entre os rios Napo e Aguarico delimitando as terras da Espanha e Portugal seguindo o Tratado de Tordesilhas. Fatos que vão ser melhor esclarecidos no processo históricos da feira livre de Cameté.

Toda essa complexidade que envolve a feira livre de Cameté faz com que ela movimente a economia por toda a região cametaense contraindo a produção de um lado e distribuindo para outro fazendo as produções e a economia circular dentro do município, nos municípios vizinhos como, Mocajuba, Baião, Oeiras do Pará e Limoeiro do Ajuru e até para outros estados.

Vamos tomar como base algumas situações que fazem a circulação da produção e da economia no nosso município por exemplo: As pessoas dos municípios vizinhos quando vem receber seus pagamentos dos aposentados, professores, bolsa família entre outros benefícios pelo fato de nas suas cidades ter carência de rede bancária por falta de segurança. Ao vir receber os seus pagamentos muitas dessas pessoas aproveitam para trazer alguns dos produtos que cultivam em seus sítios, que extraem das florestas amazônica para venderem na feira livre de Cameté, com o dinheiro da venda dos produtos eles usam para comprar as despesas de casa que segundo eles os salários de aposentados, professores e dos demais servidores públicos não é suficiente para o sustento de uma família.

Essa vinda das pessoas dos municípios vizinhos á Cameté acontece em sua maioria de mês a mês na época de eles receberem seus salários e benefícios do governo. Dentre os produtos que vem de outros municípios podemos citar, o camarão descascado que vem de limoeiro do Ajuru, prato que é apreciado pelo povo cametaense e pelos turistas que visitam a nossa cidade temporalmente, o açaí na entressafra que vem de Oeiras do Pará, além de outros produtos que vem desses e de outros municípios.

O povo rural do município de Cameté vem à cidade em sua maioria semanalmente onde os agricultores trazem as produções da semana que são compostas de uma variedade de produtos agrícolas onde podemos citar alguns como: farinha d'água, farinha de tapioca, beiju, tapioca em massa para fazer o

tacacá, a tapioquinha, o tucupi; as frutas regionais como: bacuri, manga, abacate, cupuaçu, tucumã, bacaba, etc. além das produções dos legumes como Couve, cheiro verde, feijão verde, maxixe, quiabo, abóbora, alface entre outros. E uma das coisas que são bastante procuradas na feira livre de Cametá são as plantas medicinais como: alecrim, arruda, babosa, boldo, barbatimão entre outras.

Com o povo ribeirinho a situação é diferente em que muitas pessoas que moram nas proximidades da cidade frequentam a feira diariamente principalmente os pescadores que querem chegar com seus peixes e camarões fresquinhos para comercializarem por um preço melhor.

Esses povos tanto dos municípios vizinhos quanto dos rurais e ribeirinhos são primordiais para o desenvolvimento da economia e da diversidade cultural do município de Cametá. Como já foi citado acima quando as pessoas recebem os seus pagamentos eles circulam pela feira livre de Cametá e são atraídos pela diversidade de produtos que são expostos na feira livre e com isso vai se criando laço de amizade entre vendedores e clientes o que faz com que os fregueses vão criando simpatia por determinados vendedores onde acabam voltando para comprar novamente, o que vem a caracterizar aquilo que Barbosa (2013, p.87) diz.

A feira pode se apresentar como um momento de rever conhecidos, uma mistura de lazer e cotidiano. Ainda que estejam sendo realizadas atividades rotineiras de compra e venda, é uma oportunidade de viver algo diferente, uma comemoração dentro do dia a dia. Um local lúdico e transgressor. Um ambiente alegre e unido, um espaço de liberação através da interação social.

A feira livre de Cametá é um espaço onde os vendedores, clientes e turistas frequentam diariamente tanto para comprarem e conhecerem a diversidade de produtos regionais que a Amazônia oferece, conhecerem a história de Cametá que está elencada nos monumentos expostos junto à feira livre, quanto para reencontrarem amigos e parentes que vem de outras localidades e colocarem as ideias em dia com os parentes que trabalham na feira livre de Cametá.

CAPÍTULO II – ABORDAGEM GERAL SOBRE O PROCESSO HISTÓRICO

2.1 Processo histórico da feira livre de Cametá

Para desvendarmos o enigma da feira livre de Cametá vamos navegar um pouco na história de sua existência buscando compreender as formas como esse espaço foi se constituindo e se transformando desde os primeiros sistemas de

comércio existente no município de Cametá até os dias atuais, descobrir os fatos que mais repercutiram na feira livre tanto do ponto de vista positivo quanto negativo, e como ela se caracteriza atualmente.

Diante da pesquisa bibliográfica que fizemos em obras de alguns Geógrafos constatamos que Cametá começou se originar no espaço que hoje se chama Cametá Tapera por ser considerado pelo governo português um local geograficamente apropriado para o recrutamento e treinamento dos combatentes. Foi nesse local que em 1617 desembarcou Frei Cristóvão de Lisboa com a incumbência de catequisar os índios que habitavam naquela redondeza para juntar às forças militar e lutar em favor dos portugueses nas conquistas de territórios amazônicos. Entre as tribos indígenas encontradas nesse local, segundo Santos (2015), as que tiveram maior destaque foi a dos Camarapins, Parissós e Pacajás. Exímios flecheiros, caçadores e conhecedores da arte de combater flechando de suas pirogas (canoas). Fato que despertou interesse por parte do governo português em domesticar os índios para combater em seu favor nas disputas por territórios amazônicos. Relata Tamer que:

Não foi fácil a pacificação dos índios Camutás. Durante três anos o Frei Cristóvão de São José dedicou-se com sua bondade, humildade e fé em Deus, expondo sua vida dentro do mato, a procura de almas transviadas para traze-las e torna-las felizes dentro do comportamento cristão (TAMER 1987, p. 10).

O Frade capuchinho Frei Cristóvão de São José, após desembarcar à margem esquerda do Rio Tocantins onde habitavam os índios Camutás com sua habilidade em domesticar nativos, deu início a evangelização dos índios que aos poucos passaram a habitar junto à ermida (pequena capela) construída pelos religiosos o que facilitou para o frade capuchinho Frei Cristóvão de São José fundar em 1620 o primeiro povoado denominado de Santa Cruz dos Camutás, favorecido pelo trabalho de catequese que ele desempenhava com os índios Camutás, que eram habitantes originais da terra naquele momento.

O primeiro sacerdote a realizar trabalho de catequese por estas plagas foi Frei Cristóvão de São José [...]. Por aqui ele aportou por volta de 1617, numa faixa de terra que é a primeira porção de terra firme à margem, esquerda do colossal Tocantins – Cametá-Tapera, imediatamente entrou em contato com a tribo dos Camutás, conhecidos como hábeis construtores de montarias e exímios caçadores. Depois de árdua catequese conseguiu arrebanhar alguns índios para a circunvizinhança de uma ermida às margens do rio. Isso ocorreu por volta de 1620, originando-se assim o primeiro povoamento do baixo Rio Tocantins. (POMPEU, 2002, p. 27-28).

Tanto Tamer (1987) quanto Pompeu (2002), relatam com suas palavras que Frei Cristovam de São José catequizou os nativos de forma passiva, mas há relatos nos livros de histórias brasileiros que a colonização no Brasil pelos estrangeiros ocorreu de forma sangrenta, com muita crueldade, eles se aproveitavam das mulheres obrigando-as se relacionarem com eles.

Houve muitos combates entre os colonizadores e nativos que lutavam para defender as riquezas naturais da terra como os metais preciosos que eram o principal alvo dos estrangeiros, as madeiras e o seu próprio povo que eram utilizados por eles como mão de obra escravas.

Como nos afirma Santos (2015), “Frei Cristóvão de São José para pacificar os índios dedicava dias de seu tempo dentro das matas a procura de índios isolados para juntar-se a ermida que havia construída para a catequização dos nativos” Foram vários anos no trabalho de pacificação dos índios, foi um trabalho da igreja como estratégica política dos portugueses para a conquista da Amazônia. Fato que fortaleceu o poderio militar português e em 1632 na Vila Viçosa de Santa Cruz dos Camutás “Feliciano Coelho de Carvalho reuniu 5.000 índios de guerra exímios flecheiros, remeiros, nadadores e mateiros e 240 soldados lusos, abordo de 127 canoas” (HURLEY 1936, p.21). e partiu para a região que é hoje Macapá e destruiu o Forte Camaú derrotando os índios Nhangáibas aliados dos ingleses conquistando esse território para o Brasil.

Francisco Coelho de Carvalho, governador das províncias do Maranhão e Grão-Pará, concede em 1633 a Feliciano Coelho de Carvalho, seu filho, uma donatária, em recompensa pelos “seus” trabalhos na conquista da Amazônia, principalmente no episódio da expulsão dos ingleses de Camaú, terra dos índios Tucujus. Essa capitania abrangia a região tocantina com sede na Vila Viçosa, popular Cameté-Tapera, que foi o porto militar da capitania visto que era o lugar de maior interesse geopolítico naquela época. Em 24 de Dezembro de 1635, ocorre a fundação oficial da Vila Viçosa de Santa Cruz dos Camutás e nesse local permaneceu por 67 anos até 1702, segundo Tamer quando foi transferida para a localidade chamada Murajuba, antiga aldeia Tupinambá, hoje Cameté. Sua transferência foi pelo acelerado processo de erosão fluvial e pluvial da vila, por decisão popular. Mestre Penafort, porém, afirmou que entre 1670 e 1690 a Vila Viçosa foi transferida para o Sítio Parajó denominação Tupi-Guarani da antiga Aldeia dos Parissós, pelo Padre Manoel Nunes, devido à crise de Varíola em Vila Viçosa, a partir de 1662. (SANTOS, 2015, p. 24)

Santos nos remete por meio de seus argumentos que os motivos que levaram a transferência da Vila Viçosa de Santa Cruz dos Camutás para o local denominado Murajuba atual cidade de Cameté está relacionado com as grandes erosões causados pela força das marés e pela forte crise de varíola que ocorreu na vila naquela época como afirmou Penafort.

Para combater os invasores estrangeiros em 1635 Feliciano Coelho foi nomeado o primeiro capitão-mor da capitania de Camutá, ele elevou o povoado existente a categoria de vila com o nome de Vila Viçosa de Santa Cruz dos Camutás, ano que foi datado historicamente como data oficial da fundação de Cametá tendo como santo padroeiro São João Batista.

Um dos fatos mais importante que ficou marcado na história de Cametá foi a Cabanagem, período em que ocorreu vários combates sangrentos na província do Pará após a independência do Brasil onde os portugueses continuavam a controlar os cargos mais importantes da província do Grão Pará.

Em 22 de outubro de 1823, acirra-se a pressão lusitana sobre Batista Campos. Grennfell aprisiona 256 soldados, cidadãos pescadores e agricultores insatisfeitos com o governo luso em Belém, no porão do navio Brigue Palhaço, onde todos morreram, vítimas de atrocidades diversas. Brada Cametá então, o 1º grito de guerra da Cabanagem, repudiando esse bárbaro morticínio e oferece proteção para os refugiados políticos, civis e militares adeptos a Adesão do Pará à independência. Aderem imediatamente a revolução as vilas de Abaeté, Igarapé-Miri, Beja, Muaná, Conde, Melgaço, Portel e Oeiras e unem-se ao protesto armado dos cametaenses. (SANTOS, 2015, p. 25).

Em 30 de outubro do mesmo ano Cametá que estava sob o comando do capitão Francisco Alves, foi bombardeado por ordem do Presidente da Província, mas os seus bravos guerreiros conseguiram resistir. Foi ordenado nova interceptação á Cametá pelo presidente da Província do Grão Pará em 19 de janeiro de 1824, mas, os combatentes Cametaenses novamente conseguiram resistir. Foram vários anos de conflitos entre os cabanos portugueses que se concentravam em Belém e queriam continuar no controle administrativos da província do Grão Pará mesmo após a Adesão do Pará ao Brasil contra os que lutavam pela legalidade e independência administrativa da província do comando dos portugueses que tinham como ponto estratégico a Vila Viçosa de Santa Cruz dos Camutás. Entre os que lutaram pela independência teve destaque importante o Padre Prudêncio, que foi nomeado comandante militar com o objetivo de criar estratégia política de defesa contra as ofensivas dos cabanos. (SANTOS 2015, p. 26-27) nos afirma que:

Prudêncio foi nomeado comandante militar para defender a Vila, com mais vocação para o militarismo que para rezar, levantou trincheiras, confiscou bens e serviços para a máquina de guerra, intimou escravos e nativos para o serviço militar, conseguindo repelir todas as investidas cabanas vindas de Oeiras, Muaná, Igarapé-Miri, e outros municípios que no início foram solidários aos cametaenses.

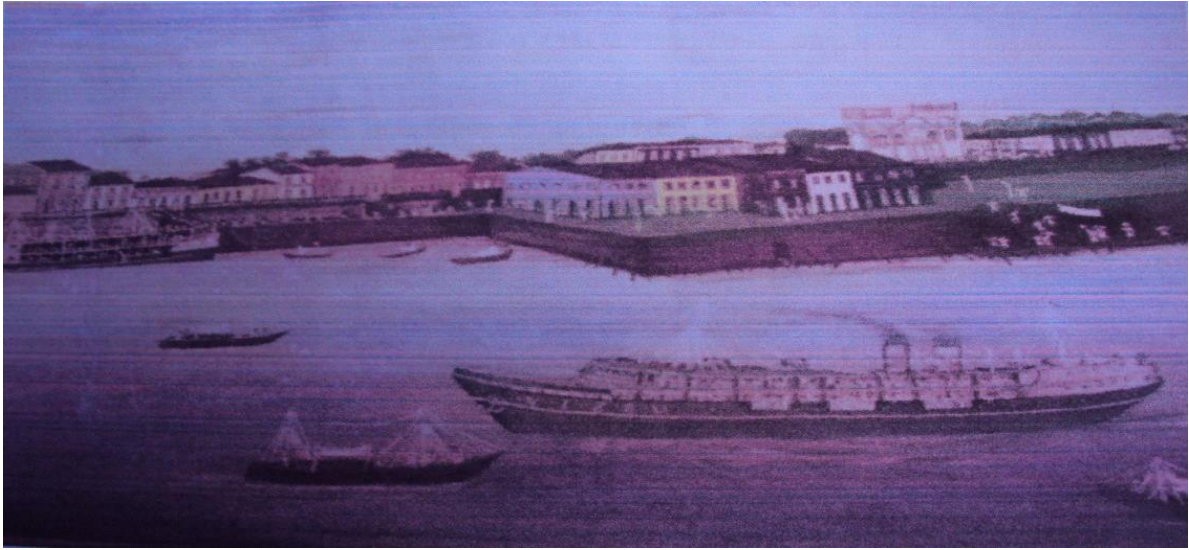
O intenso trabalho de catequização dos índios pelo frade capuchinho Frei Cristovam de São José e as estratégias militares do Padre Prudêncio para combater os invasores que tentavam se estabilizar nos territórios amazônicos, nos provam a importância que a igreja teve para a formação e o desenvolvimento do nosso município.

2.2 Primeiras formas de comércio em Cametá

Não se sabe exatamente quando começou em Cametá as primeiras formas de comércio, o que se tem referência é que os primeiros movimentos de trocas entre pessoas de mercadorias aconteceram em volta da escada de pedra construída no Porto Feliz que posteriormente recebeu o nome de Porto Real em homenagem ao imperador do Brasil por ele ter mandado construir esse porto fortificado com o objetivo de conter as erosões causadas pela fúria das águas do Rio Tocantins e para abarcar os navios que vinham buscar as mercadorias de exportação. Na escada de pedra construída em frente o Porto Real era onde encostavam os ribeirinhos que vinham do baixo Amazonas e do Rio Tocantins vender as suas produções para os comerciantes que se instalavam nas residências em volta do espaço do Porto Real.

Esses produtos em sua quase totalidade eram extraídos das florestas amazônicas e dos rios, entre esses produtos podemos destacar os que eram comprados pelos comerciantes e estocados em armazém e posteriormente exportado para as indústrias, como: a borracha, o cacau, a andiroba, a castanha-do-Pará e a ucuúba. Esses produtos eram os que fortaleciam a economia cametaense na época, mas, comercializavam também outros produtos que eram consumidos pela comunidade local como: açaí, camarão, mapará, farinha d'água feito da massa da mandioca, tucupi, frutas como: pupunha, banana, bacaba, buriti, entre outros naturais da região local. Essa movimentação foi se intensificando cada vez mais fazendo com que o espaço em volta do Porto Real se tornasse fortemente valorizado. Abaixo ilustramos com a figura 5, que mostra a imagem da época do Porto Real.

Figura 5 - Imagem do Porto Real de Cametá (1890)



Fonte: Arquivo pessoal de Haroldo Barros.

A figura acima está ilustrando a imagem do Porto Real, uma mega obra fortificada construída nos anos finais do século XIX entre 1871 e 1888 pelo imperador do Brasil intermediada pelo Cônego Manoel José Siqueira Mendes, político cametaense, senador do império durante o Governo Provincial do Dr. Joaquim Pires Machado Portela com o principal objetivo de proteger a orla de Cametá das erosões causadas pela força das águas do rio Tocantins e para transações comerciais entre os produtores locais e os aviadores de empresas de exportação como afirma Santos (2015). Segundo Santos a obra do porto era para durar 100 anos se fosse construídos os quebra-mares que constavam no projeto do porto. Mas apenas um quebra mar foi construído. Por consequência da queda do império em 1889 não foi possível a construção dos outros quebra-mares.

Ao lado direito da Imagem onde fica localizada a escada de pedra percebemos que é onde os ribeirinhos encostavam para desembarcar as suas produções. Essa movimentação foi se intensificando cada vez mais com o decorrer do tempo atraindo vendedores dos mais diversos setores do município que deu origem ao surgimento da primeira feira em Cametá onde as pessoas da cidade começaram a fazer suas culinárias caseiras e carregavam nos braços e em carrinhos ambulantes para venderem às pessoas que circulavam em volta do Porto Real. Segundo (MOCBEL, 2003, p. 45).

Até a década de 50 as relações comerciais eram feitas nas casas comerciais, não existiam baiúcas em nossa cidade. Apenas alguns vendedores ambulantes, como a velha Afra com seus famosos pipocões, Dona Luiza com os seus pastelões recheados, seu Avelino e suas xícaras

de arroz doce, o Verdaco com os biscoitos de tapioca, há Luiza (Mãe de Geobaldo) e seu panelão de mingau de açaí, o passarão vendendo mingusá, e alguns pequenos ambulantes ofertando beijo de moça, doces de castanha e coco ou bolachinhas, estes usando as tradicionais vitrinas.

Como relata MOCBEL as primeiras movimentações comerciais eram feitas diretamente entre os produtores e as casas comerciais sem a existência de barracas (baiucas) fixas, existindo alguns vendedores ambulantes que vinham vender seu mingau, cafezinho, frutas, bombom entre outras culinárias em locais que tinham mais movimentos. Com a falta dos quebra-mares a obra do Porto Real durou intacta apenas 42 anos, a partir de 1930 a força das águas do Rio Tocantins começou a destruir a obra do porto e foi empurrando para o lado sul o movimento da feira livre de Cametá.

Segundo relato de CALDAS e OLIVEIRA (2014), só a partir de 1960 é que começaram a surgir as primeiras barracas fixas construídas em madeiras pelos próprios vendedores ambulantes ao lado do muro de arrimo em frente a antiga agência do Banco do Brasil e do consultório do Dr. Mimon na rua São João Batista. Com a construção das barracas os movimentos foram cada vez mais ganhando intensidade e surgindo novos tipos de mercadorias na feira inclusive as que já eram comercializados nas casas comerciais como roupas, sapatos e produtos de armarinho em geral. Fato que chamou a atenção dos comerciantes e levou eles a fazerem acordo em 1962 em momento pré-eleição com o candidato Angenor Moreira que concorria a eleição para prefeito em que eles o apoiavam a sua candidatura para prefeito e se ele se elegesse tiraria as barracas fixas da feira livre.

Segundo Barros (2007) Com o apoio dos comerciantes o candidato Angenor Moreira foi eleito prefeito em 1962 e cumpriu o acordo feito com os comerciantes retirando as barracas fixas da feira de forma coercitiva sem nenhum acordo com os proprietários das barracas. Foi um momento tenso e de sofrimento para os pequenos feirantes que perderam as suas barracas, de onde eles tiravam o sustento para as suas famílias. Mas eles não desistiram porque era o ramo que eles sabiam trabalhar.

Após alguns anos por volta de 1970 ao lado do mercado de carne à margem do rio foi construída uma rampa para os pequenos produtores desembarcarem por ali as suas produções e venderem nas casas comerciais e na feira livre de Cametá. Com esse fato o movimento em torno do mercado de carne se intensificou e novas barracas foram erguidas pelos feirantes em frente ao mercado de carne nas

proximidades da loja Gato Branco de propriedade do senhor Manduca Pereira. Nesse local também foi se aglomerando barracas de formas desorganizadas e sem higienização, as vezes com mau cheiro que eram malvistas pelos visitantes. CALDAS e OLIVEIRA (2014, p. 42) nos diz que:

Em 1971, existiam ali algumas dezenas de baiucas mal cheirosas e anti-higiênicas que davam um aspecto vergonhoso à cidade logo ao desembarcar dos visitantes. Ainda neste mesmo ano, o então prefeito Alberto Mória Mocbel, adquiriu por compra uma área e ali construiu a nova feira com oitenta boxes em alvenaria e mais quarenta em madeira de lei, estes localizados em um grande trapiche rumo ao rio, ao lado da Codica, os feirantes passaram a exercer o seu comércio, com mais anseio e dignidade.

Foi uma feira projetada pelo prefeito da época Alberto Mória Mocbel ainda em seu primeiro mandato para melhorar o aspecto físico e de higienização do espaço da feira livre de Cameté. Mas como se sabe a população vai aumentando e o nosso município não dispõe de emprego público e nem privado suficiente para suprir a demanda do crescimento populacional, e em consequência à falta de emprego aos poucos foi surgindo uma nova aglomeração de vendedores ambulantes que lentamente foram construindo pequenas barracas para exporem seus produtos à venda na Rua São João Batista entre a Praça das Mercês e o mercado de carne e ao lado do Colégio Instituto Nossa Senhora auxiliadora (INSA) Essa movimentação foi ficando cada vez mais intensa e desorganizada, o espaço ficou cada vez mais disputado pelos pequenos vendedores, fato que chamou a atenção dos comerciantes lojistas que estavam insatisfeito com essa situação e em conversa com o prefeito do momento que era o senhor Alberto Mória Mocbel em seu segundo mandato no ano de 1980 chegaram em conclusão que deveria ser feita alguma coisa para solucionar aquele problema. Para tentar amenizar a desorganização ele mandou montar ao lado do colégio INSA uma arquitetura em ferro galvanizado com 80 boxeis medindo um metro e meio de frente por dois de fundo coberto com lona e instalou os feirantes nesse local.

Como sabemos as feiras livres são espaços que todo tempo tem novas pessoas sempre querendo arrumar um lugarzinho para vender alguma coisa e se não tiver uma fiscalização constante eles acabam se instalando em algum local próximo e a aglomeração de barracas vão se intensificando. Um momento propicio para que isso aconteça é em época de eleição em que os prefeitos e vereadores querem se reeleger e acabam facilitando a instalação de novas pessoas em troca de apoio político. Com o tempo foram surgindo novas barracas e no ano 2000 já estava

cheio de pequenos pontos comerciais ao lado do Mercado Municipal de venda de carne e ao lado das barracas de ferro construídas pelo prefeito Alberto Mória Mocbel na parte à beira do rio, assim como já existia alguns lojistas na margem do rio com frente para a feira livre.

Destacamos as lojas mais influentes na época que são a Santa Julia e Jovem Julia na parte mais próximo do mercado de carne ao Norte. seguindo em direção ao sul com a Distribuidora de Cerveja antártica, Armarinho Baratão, Comercial Vânzeler e Sacramento, Mercearia Nossa senhora da conceição, Mercearia Nossa senhora das Graças e o Mercantil Nossa Senhora de Nazaré, em fim uma rede de lojas que se instalaram em frente a feira livre de Cametá atraídos pelos fortes movimentos de pessoas vindo dos mais variados setores ribeirinhos e rural do nosso município. Os proprietários dessas lojas se edificaram nesses locais sem nenhum obstáculo por parte dos administradores e causaram transtornos para os ribeirinhos que ficaram quase sem espaço para encostar as suas pequenas embarcações e tirarem as suas produções para venderem na feira.

2. 3. Incêndio de 14 de outubro de 2001 na feira livre de Cametá.

O incêndio que aconteceu em 14 de outubro de 2001 em Cametá foi um marco histórico na vida dos cametaenses, principalmente para os feirantes que foram vítimas do incêndio, que convivem com as consequências até os dias de hoje. Todos os feirantes, fregueses, lojistas que ficavam nas proximidades da feira e turistas entraram em pânico a partir da madrugada de 14 de outubro de 2001 quando o povo da cidade de Cametá acordaram sobre o soar do alarme da prefeitura de Cametá por consequência de um incêndio de grande proporção que ocorria naquele momento na feira livre de Cametá, que causou sérios prejuízos aos feirantes e a alguns lojistas que tinham lojas nas proximidades da feira pelo fato de não poderem conter o incêndio com rapidez e por não haver no momento corpo de bombeiros na cidade. Naquela madrugada enquanto ocorria o incêndio o que se via era os feirantes que chegavam desesperados para tentar salvar as suas mercadorias que ficavam armazenadas nas barracas porque era de onde eles tiravam o sustento de suas famílias.

Segundo relato do senhor J. C. que trabalhava como fiscal da prefeitura na época, mais de 60% dos feirantes não conseguiram salvar nada de suas

mercadorias que ficavam nas barracas. Alguns que conseguiram chegar a tempo de salvar as suas mercadorias, foram surpreendidos por ataque de vândalos que se aproveitaram do fato de estar acontecendo o incêndio arrombavam as barracas e saqueavam as mercadorias em benefício próprio. Além de muitos terem perdido as suas barracas com todas as mercadorias e equipamentos de trabalho, ficaram traumatizados até os dias de hoje que quando toca o alarme em horário não programado a noite eles saem em disparada rumo a feira para ver se está acontecendo algo com suas barracas.

Entre as lojas que pegaram fogo naquela noite estavam a loja do Amarinho Baratão, Comercial das Aves, Comercial Vânzeler e Sacramento, Mercearia Nossa Senhora da Conceição, Mercearia Nossa Senhora das Graças e a Casa deus é por nós. Segundo relato das primeiras pessoas que perceberam o incêndio ele começou na loja do Amarinho Baratão e por essas lojas serem construídas em madeira favoreceu para a rápida propagação do fogo. O fogo também consumiu as mercadorias dos oitenta boxes construídas em alvenaria e as quarentas barracas confeccionadas em madeiras ao lado das de alvenaria a margem do rio juntamente com a rampa de embarque e desembarque das produções e das pessoas que vinham das áreas ribeirinhas todas construídas na gestão do prefeito Alberto Mória Mocbel em 1971.

Em 2001 todos os oitenta boxes que foram divididos com estruturas metálicas construídos em 1980 ao lado do colégio INSA também pelo prefeito Alberto Mória Mocbel em seu segundo mandato, que eram para ser colocadas as mercadorias dos feirantes para eles fazerem suas vendas e no final do expediente retirarem. Todos esses boxes já eram fechados com madeiras e cobertos com madeiras e lonas por cima da madeira e os feirantes deixavam todas as mercadorias e os demais pertences de trabalhos deles dentro dos boxes. Todos esses boxes foram destruídos pelo fogo além de mais de cinquenta barracas que ficavam localizadas entre os boxes de ferro e as lojas na margem do rio também foram consumidas pelo fogo.

Ao amanhecer após cessar o fogo os feirantes ainda desesperados tentaram se aproximar dos seus locais de trabalho na tentativa de se reorganizarem para recomeçarem de alguma maneira as suas atividades, mas foram barrados pelos fiscais da prefeitura por ordem do prefeito José Rodrigues Quaresma que

governava no momento o município com alegação de que eles não podiam se reinstalar naquele espaço momentaneamente porque a prefeitura iria elaborar um projeto em que pudesse alocar e confortar todos os feirantes, como a prefeitura não dispunha de espaço que acomodasse todos os feirantes vítimas do incêndio em um mesmo local deu ordem aos seus representantes que instalassem os feirantes provisoriamente no espaço da praça Joaquim Siqueira (Praça das Mercês) que fica localizada em frente ao colégio “Instituto Nossa Senhora Auxiliadora” (INSA), em frente ao Hospital Santa Luiza de Marilac e na rua 13 de Maio entre as travessas Ângelo Corrêa e D. Romualdo de Seixas, até que se concluíssem a obra da nova feira.

O senhor, D. S. O., de 61 anos vítima do incêndio de outubro de 2001 relata que:

Foi um dos piores momentos que os feirantes já passaram na feira livre de Cametá devido muitos ficarem sem nenhuma condição financeira para se reinstalar e recomeçar a trabalhar. Mesmo com dificuldade eles se articularam e começaram a erguer suas barracas, alguns que tinham conhecimento com donos de estância de madeiras conseguiram financiar o material para reconstruir com mais rapidez as suas barracas, outros contavam com sobras de madeira doadas por donos de outras barracas, alguns iam até as serrarias pedir aqueles cascalhos que as serrarias descartavam, para reerguerem suas barracas, (D. S. O. 2022).

Os feirantes vítimas do incêndio de 2001 foram reconstruindo suas barracas conforme as suas condições sem nenhum acompanhamento técnico da prefeitura, o que originou uma feira totalmente fora de padrão e desorganizada, o que dificultou o fluxo da população principalmente aos que ficaram na Praça Joaquim Siqueira onde muitos dos fregueses tiveram dificuldades de reencontrar as pessoas de quem estavam acostumados a comprar, as barracas de preferências, os amigos com quem costumavam trocar ideias. Após os feirantes concluírem a construção das barracas não tinham dinheiro para recomeçarem suas atividades o que comoveu o cantor e radialista de Belém Wladimir Costa proprietário da banda Wlad com a situação que os feirantes estavam enfrentando e promoveu um grande show na cidade de Cametá e doou toda a renda para os feirantes. Os feirantes se sentiram muito grato com a atitude do radialista porque estavam extremamente necessitados.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cametá para ajudar também os feirantes solicitou a Caixa Econômica Federal um empréstimo na importância de R\$ 2000,00 (dois mil reais) para cada feirante atingido pelo incêndio para pagarem de

volta para a Caixa Econômica em dez parcela de 200,00 (duzentos reais) o que permitiu que eles recomeçassem as suas atividades.

O novo espaço da feira livre localizada na praça Joaquim Siqueira além de ficar desorganizado ficou com as barracas frágeis pelo fato de serem construídas com madeira de baixo porte o que se tornou alvo fácil para os ladrões. Durante a permanência dos feirantes no local da praça Joaquim Siqueira houve constante reclamações por parte de donos de barracas, de arrombamento das mesmas por bandidos que roubavam as mercadorias e vendiam por preços bem mais baratos para manterem seus vícios.

Quando as vítimas se dirigiam à delegacia para registrarem boletim de ocorrência o delegado exigia nota fiscal das mercadorias e testemunhas para atuar o infrator fato que era difícil para os feirantes porque eles trabalhavam quase que em sua totalidade na informalidade e não compravam com nota fiscal, a maioria dos arrombamentos ocorria no período da noite quando não tinha ninguém no espaço da feira e não tinha como comprovar para o delegado o que ele exigia e os feirantes tinham que trabalhar para recuperar as mercadorias roubadas.

2.4. Projeto de um galpão para reorganizar os feirantes cadastrados na prefeitura de Cametá.

O prefeito de Cametá José Rodrigues Quaresma que no momento administrava o município de Cametá, mandou elaborar um projeto para a construção de um galpão que teria piso e sobre piso e iria acomodar todos os feirantes, tanto os que foram vítimas do incêndio quanto os que estavam situados em vias públicas. Ao apresentar o projeto aos feirantes, todos ficaram animados, e no dia de votação na câmara dos vereadores para aprovação do projeto os feirantes foram em massa assistir à votação na esperança de ganhar um espaço adequado e digno para o seu trabalho. O projeto foi aprovado e encaminhado ao governo federal junto com o relatório da situação dos feirantes pelo prefeito José Rodrigues Quaresma junto com deputado federal Paulo Rocha.

A senhora M. O. S. de 65 anos. que trabalha na feira livre a mais de trinta anos, comentou que:

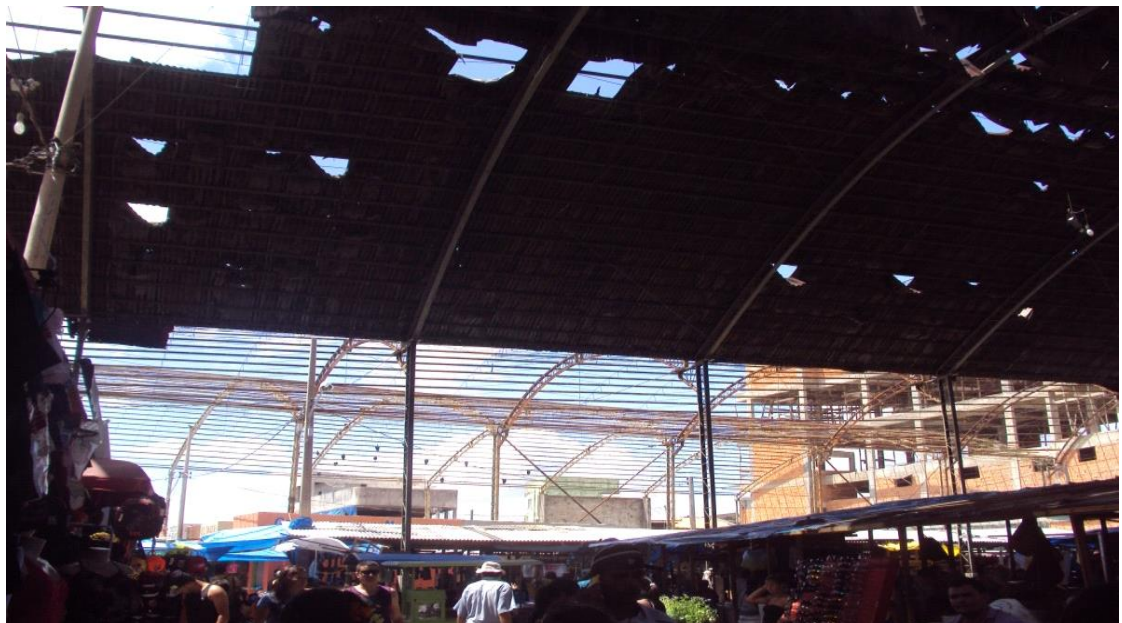
O prefeito José Rodrigues Quaresma falou em reunião para os feirantes que o governo federal tinha liberado a importância de R\$ 1,800,000,00 (um milhão e oitocentos mil reais) para a construção do galpão que seria organizada a nova feira. Mas segundo ela a prefeitura de Cametá apenas comprou o Galpão da antiga Codica e ao lado onde ficava os boxes

construídos pelo prefeito Mocbel em 1971 que também foi consumida pelo fogo, construiu uma nova arquitetura metálica no mesmo porte da antiga Codica onde seria construído os novos boxes todos em alvenaria onde teria piso e sobre piso, e iria caber todos os feirantes de forma organizada. Foi preparado apenas o primeiro piso bruto e coberto com telha de borracha de pouca resistência. (M. S. O. 2022).

Dona N. G. F. de 49 anos que trabalha mais de 25 anos na feira livre de Cametá, afirmou que:

a estrutura onde seria organizada a nova feira ficou apenas coberta e abandonada por vários anos e sem ser concluído o projeto, as telhas enrolaram todas por ser de borracha e não resistiram o forte calor e aos poucos foi se instalando dentro do espaço da estrutura metálica pessoas que foram vítima do incêndio que ficaram sem espaço para venderem os seus produtos como: os vendedores de peixes que vendiam na rampa ao lado da Codica e foi consumida pelo fogo, pelos vendedores de carne suína além de outros produtos. (N. G. F. 2022).

Figura 6 – Imagem danificada da antiga cobertura do galpão da feira de Cametá.



Fonte: Caldas e Oliveira (2014).

A figura acima é uma demonstração do estado em que ficou a cobertura da arquitetura metálica. Os feirantes continuaram naquele espaço desordenado, mal estruturado por um período de dez anos.

Em 2004 houve eleição para escolher o novo prefeito para o município de Cametá e os feirantes na esperança de sair daquela situação de caos apoiaram em sua maioria a candidatura a prefeito do senhor José Waldolli Filgueira Valente. O candidato foi eleito com uma ampla margem de votos, mas ao se reunir com os feirantes alegou que a gestão anterior não tinha deixado nenhuma verba destinada ao projeto para ele continuar a obra e que a prefeitura não tinha recursos disponíveis

para dar continuidade na obra do projeto. Os feirantes continuaram na mesma situação de dificuldade e insegurança por muito tempo.

No período de 2005 a 2008 na tentativa de organizar a feira livre de Cametá o prefeito José Waldolli Filgueira Valente em parceria com o governo do estado construiu no local onde ficava a rampa de embarque e desembarque dos ribeirinhos e de suas produções ao lado do mercado de carne uma edificação em alvenaria, dividiu em boxes e organizou ali a feira do peixe que ficou denominado como mercado do peixe como podemos ver na figura – 7 e 8.

Figura 7 - Imagem da entrada do mercado de peixe de Cametá.



Fonte: Furtado, (2022)

Figura 8 - Imagem da parte interna do mercado de peixe



Fonte: Furtado, 2022.

Nessa edificação em 2007 foi colocado todos os vendedores de peixe e de hortaliças que ficavam dentro do galpão. Os vendedores de carne suína que trabalhavam dentro do galpão foram instalados na parte lateral esquerda do mercado de carne ao lado do mercado de peixe como mostra a figura – 10.

Figura 9 - Imagem da frente do mercado de carne de Cametá.



Fonte: Furtado, (2022).

Esta imagem demonstra a parte externa da frente do mercado de carne de Cametá e percebemos que está com o acabamento danificado precisando de reforma.

Figura 10 - Imagens das partes laterais e da parte central do mercado municipal de carne.



Fonte: Furtado, (2022).

A figura 10 acima está composta com três imagens ilustrando as partes laterais e a parte central do mercado de carne. A parte esquerda foi destinada para a

venda de carne suína e fica em frente o mercado de peixe, a lateral direita fica de frente com o quarteirão destinado para venda de lanches, a parte central e a lateral direita foram destinadas para a venda de carne bovina. Tanto para o mercado de peixe quanto para o de carne foram reservadas vagas para vendedores de peixes e de carne que vendiam dentro do galpão.

Com a retirada desses vendedores do galpão ficou bastante espaço vazio dentro dele o que permitiu que o prefeito José Waldolli Figueira Valente a começar reorganizar a feira livre de Cametá. Primeiro ele removeu os vendedores de roupas que estavam localizados provisoriamente na Praça das Mercês e alocou eles ao lado do colégio Instituto Nossa Senhora Auxiliadora (INSA), local que eles estavam antes do incêndio de 14 de outubro de 2001. Depois mandou aterrar uma área à margem do rio onde está edificada a estátua de Pedro Teixeira e alocou lá alguns feirantes que estavam também na Praça das Mercês e outros que estavam instalados provisoriamente na rua Treze de maio entre a travessa Ângelo Correa e a travessa D. Romualdo de Seixas.

Em 2012 o prefeito de Cametá José Waldolli Figueira Valente removeu meio que as pressas os donos de barracas que estavam localizados entre o mercado de carne e a Praça das Mercês para dentro do galpão. Essa mudança deixou os feirantes daquele espaço contrariado pelo fato de que quando ocorreu o incêndio de 2001 eles já estavam localizados naquele espaço e não foram atingidos pelo incêndio e depois que eles foram removidos a prefeitura utilizou o mesmo espaço para alocar vendedores de lanches e bares como está ilustrado na figura - 11.

Figura 11 - Imagens do lado esquerdo e direito dos boxes das lanchonetes.



Fonte: Furtado, (2022).

A figura acima está ilustrando as imagens dos dois lados do quarteirão que contém 44 boxes construídos em alvenaria destinados para os vendedores de lanches e bares que foram vítimas do incêndio ocorrido em 14 de outubro de 2001.

O prefeito José Waldolli Filgueira Valente não ficou totalmente satisfeito com a organização da feira porque ainda ficou uma turma de feirantes isolados na frente do hospital Santa Luiza de Marilac. Na eleição de 2012 foi eleito para prefeito em Cameté o Senhor Irácio Nunes Da Silva e Entre 2013 e 2016 ele mandou cobrir o galpão com telha de zinco como mostra a figura -12

Figura 12 - Imagem do galpão da feira livre de Cameté coberto.



Fonte: Furtado, março de 2022.

A figura acima está ilustrando o galpão da feira coberto com telha de zinco o que deixou os feirantes que trabalham dentro muito contente por ficarem protegido do Sol e da chuva.

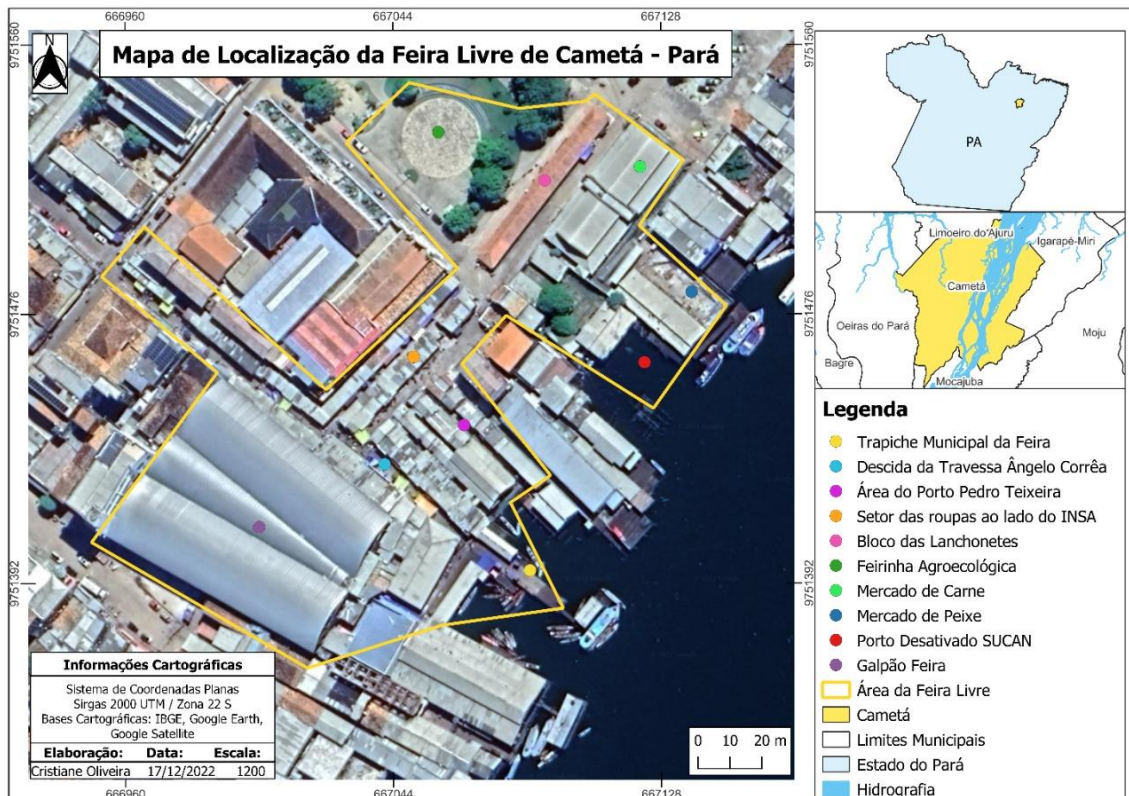
Em 2016 José Waldolli Filgueira Valente foi novamente eleito prefeito de Cameté e conseguiu o seu objetivo de agrupar os feirantes todos próximos uns dos outros removendo os feirantes que estavam localizado em frente ao hospital Santa Luiza de Marilac para um corredor dentro do galpão saindo da via principal em direção à beira do rio.

Depois dessas ações feitas pelo poder público municipal ocorreu um processo de reorganização da feira livre de Cameté, o que iremos tratar no capítulo seguinte, apresentando com o resultado da pesquisa de campo.

CAPITULO III: FEIRA LIVRE DE CAMETÁ NOS DIAS ATUAIS DESCRITA POR SETORES, CADASTROS E IMAGENS E DADOS DAS PESQUISAS DE CAMPO.

3.1 feira livre de Cametá nos dias atuais descrita por setores, cadastro e imagens.

Mapa 3 - Mapa da localização da feira livre de Cametá-Pará.



Fonte: Cristiane Oliveira, (2022).

O mapa acima está ilustrando a localização da feira livre de Cametá dentro da cidade com imagem extraída via satélite do Google Earth, a linha amarela está demonstrando a área que ela abrange e os pontinhos coloridos a descrição de cada setor da feira.

Para demonstrarmos melhor a realidade da Feira livre de Cametá vamos fazer uso do resultado das pesquisas feitas em campo. Segundo o secretário de administração da feira livre de Cametá no ultimo recadastramento feito em 2021 pelo atual governo foi constatado que tem 827 boxes fixos cadastrados na feira livre de Cametá sendo que 44 ficam localizados no quarteirão que foi destinado para venda de lanches na rua São João Batista entre o mercado de carne e a Praça das Mercês, 86 ficam localizados entre o colégio Instituto Nossa Senhora Auxiliadora (INSA) e o quarteirão do porto do Pedro Teixeira, 49 ficam localizados no quarteirão

do porto do Pedro Teixeira, 56 ficam localizados na descida da Travessa Ângelo Correa que vai até o trapiche municipal, 11 na feira do açai, 412 no galpão, 117 no mercado de peixe e 52 no mercado de carne.

No quarteirão entre o mercado de Carne e a praça das Mercês que foram destinados para a venda de Lanches estão cadastrados 43 boxes como lanchonetes e um como armarinho; entre o colégio INSA e o porto do Pedro Teixeira estão cadastrados 54 boxes para a venda de confecções, 6 de armarinhos, 2 de importados, 4 de calçados, 2 de venda de DVDs/CDs, 1 de venda de relógios, 2 de verduras, 1 bar, 1 de produtos descartáveis, 1 de corte de cabelo, 3 de estivas, 1 de assistência em celular e 8 de variedades; na área do porto Pedro Teixeira estão cadastrados 13 boxes como lanchonetes, 14 de estivas, 5 de eletrônicas, 4 bares e lanchonetes, 3 variedades, 2 confecções, 2 oficinas mecânica, 1 verduras, 1 farmácia, 1 armarinho, 1 ração, 1 importados e 1 oficina de rebobinar motores elétricos; na descida da travessa Ângelo Corrêa estão cadastrados 9 boxes como restaurantes, 8 de estivas, 9 açougues, 6 de confecções, 5 de frangos, 3 de variedades, 3 lanchonetes, 2 bares e lanchonetes, 2 de ração, 1 corte de cabelo, 1 de venda de café em pó, 1 de assistência em celular, 1 de produtos descartáveis, 1 de venda de mingau, 1 farmácia, 1 CDS/DVDS, 1 de eletrônica e 1 de verduras; na Feira do açai estão cadastrados 4 bares, 3 lanchonetes, 1 de mingau, 1 de venda de café, 1 de vender churrasco e 1 de vender sacola plástica; no galpão estão cadastrados 78 boxes para a venda de confecções, 52 para vendedores de farinha de mandioca, 43 de importados, 37 para venderem frangos, 30 de verduras, 28 destinados para os feirantes que foram remanejados da frente do Hospital Santa Luiza de Marilac (HSLM), 25 de corte de cabelo, 18 de ração, 16 de estivas, 15 de variedades, 14 lanchonete, 8 de peixes salgados, 7 de umbandas, 6 de artesanatos, 6 como deposito, 6 de descartáveis, 5 CDs/DVDs, 4 auto peças, 1 mingau, 1 queijo, 1 calçado, 1 financeira, 1 de remédio caseiro, 1 para guardar isopor, 1 de eletrônica, 1 farmácia, 1 armarinho e 1 bar; no mercado de carne estão cadastrado 39 para ver carne bovina e 13 carne suína; no mercado de peixe são 98 para venda de peixes e 19 para vendedores de hortaliças.

Esses são os pontos comerciais que estão cadastrados pela prefeitura, mas constatamos que há na feira livre de Cameté muitos vendedores que não estão cadastrados na prefeitura e que trabalham e sobrevivem com a renda da feira como:

os que vendem frutas regionais cultivadas e extraídas das florestas amazônica em cima de caixotes como está ilustrado na figura – 13

Figura 13 - A esquerda imagem de produtos regionais da via principal do galpão, a direita de produtos regionais da Travessa Ângelo Correa.



Fonte: Furtado, (2022).

Esses vendedores que colocam os seus produtos na beira das calçadas em cima de caixotes, eles costumam se instalar nas vias que tem mais movimentos. Esse da Imagem a esquerda fica na via principal do galpão que entra pela rua São João Batista e sai na rua Pedro Teixeira que chega até a colônia Z-16, e o da direita fica na descida da travessa Ângelo Corrêa que vai em direção ao trapiche municipal na feira do açaí.

Os vendedores de açaí trabalham em tabuleiros de concreto construídos pela prefeitura, mas também não possuem cadastro na prefeitura. Segundo o secretário esses feirantes não são cadastrados pelo fato de eles não terem lugar definido para fazerem as suas vendas, esses espaços são ocupados conforme os vendedores vão chegando com os produtos onde muitos são os próprios produtores ribeirinhos que vem vender as suas produções na cidade, assim como também os vendedores de peixes que ficam localizados nas proximidades do trapiche municipal pelo fato de muitos deles serem os próprios pescadores que vem do interior vender seus pescados na feira livre de Cametá como podemos observar na figura -14.

Figura 14 – A esquerda imagem de vendedores de peixes, a direita de carne suína ao lado do trapiche municipal.



Fonte: Furtado, (2022).

A figura acima ilustra os vendedores de peixes e de carne suína que estão localizados ao lado do trapiche municipal e da feira do açaí. A maioria das pessoas que trabalham nesse local não tem cadastro na prefeitura pelo fato de não terem lugar fixo e de muitos serem ribeirinhos que vem vender as suas produções na cidade.

Figura 15 - Imagem do trapiche municipal em frente a feira livre de Cametá.



Fonte: Furtado, (2022).

Esse é o único trapiche público na frente da feira livre e fica localizado entre o porto Beira-Rio e o da distribuidora de bebidas Antártica, percebemos nessa imagem muitos barquinhos que trazem os ribeirinhos que em sua maioria encostam nesse local para desembarcarem as suas produções para venderem. Entre as produções que os ribeirinhos desembarcam nesse local para venderem estão, o Açaí, o camarão e o tão procurado peixe da maré. Peixe da maré para os cametaenses são os peixes que ainda não foram no gelo. São os produtos que os ribeirinhos trazem que atraem os consumidores da cidade para as proximidades do trapiche municipal aumentando o movimento nessa área e os vendedores da cidade que querem vender seus produtos para os ribeirinhos concentrando o maior movimento de pessoas nesse espaço e esvaziando outros como o de mercado de peixe e de carne.

Figura 16 – Imagem da chegada da travessa Ângelo Corrêa ao trapiche municipal.



Fonte: Furtado, (2022)

Esta é a parte da travessa Ângelo Corrêa que dá acesso direto ao trapiche municipal onde os ribeirinhos encostam as suas pequenas embarcações com as suas produções. Ao lado esquerdo estão localizados vários boxes com talho de carne tanto bovina quanto suína e percebemos uma forte movimentação de pessoas nesse espaço.

Diante da análise que fizemos no mercado de carne, no mercado de peixe e no espaço em volta do trapiche municipal em frente a feira livre constatamos uma

diferença muito grande na movimentação das pessoas, no mercado de peixe como está ilustrado na figura 8 onde muitos compartimentos estão sem vendedores, e os tabuleiros que foram destinados para venda de hortaliças estão vazios. No mercado de carne evidenciamos também que a maioria dos boxes estão sem vendedores como demonstra a Imagem 9, já nas Imagens 14, 15 e 16 que fica nos arredores do trapiche municipal tem uma forte movimentação de pessoas.

Em entrevistas com os vendedores de peixes e de carne fizemos a seguinte pergunta pra eles, que fator ocasionou a fuga da maioria dos fregueses e dos vendedores desses dois espaços? Eles nos responderam o seguinte, antes desse mercado de peixe ser construído havia nesse local uma rampa construída em madeira onde os ribeirinhos encostavam os seus barquinhos para desembarcarem as suas produções e fazerem as suas vendas e compras. Em 2007 foi inaugurado o mercado de peixe com os boxes bem organizados e muito bonito, mas houve uma problematização na parte de embarque e desembarque para os pequenos produtores, no mercado de peixe foi construído uma rampa metálica que fica quase o tempo todo ocupado com as geleiras que trazem os pescados de outras regiões pra Cametá, com isso os pequenos produtores ficaram quase sem espaço para desembarcarem as suas produções nesse local. Entre o porto da Distribuidora de Bebida Antártica e o porto beira rio já existia um cais construído em concreto e lá algumas pequenas embarcações e canoas encostavam, e por meio de uma escada de madeira desembarcavam os seus produtos, era um sofrimento, mas eles não tinham outra opção.

O prefeito José Valdoli Figueira Valente que administrava o município na época observou a situação dos ribeirinhos e mandou construir uma rampa em madeira bem ao lado do porto beira rio, com a construção dessa rampa favoreceu para os ribeirinhos desembarcarem as suas produções e a partir desse momento os peixes da maré, o açai, o camarão e a carne suína que vinham do interior começaram a subir por essa rampa e ser comercializado ali nos arredores as suas produções. Esse processo começou a atrair os consumidores que começaram a migrar do mercado de peixe para as proximidades dessa rampa. Ao passo que ia aumentando a movimentação nesse espaço foi surgindo novos talhos de carne próximo da rampa e muitos dos vendedores que trabalhavam no mercado de peixes compravam os peixes e vinham vender perto da rampa em cima de caixotes como acontece até hoje.

Entre 2013 a 2016 na administração do prefeito Irácio Nunes Da Silva foi construído um trapiche de Concreto como visualizamos na figura 15. Após a construção do trapiche em concreto a movimentação aumentou e no mercado de peixe e de carne o movimento foi cada vez mais diminuindo e muitos dos vendedores desses dois espaços migraram para próximo do trapiche municipal e alguns mudaram de atividades inclusive os vendedores de hortaliças.

Perguntamos aos vendedores do mercado de peixe e do mercado de carne o que eles achavam que deveria ser feito para que os consumidores voltassem frequentar esses dois espaços em maior quantidade? O senhor B. P. S. um dos talhadores de carne mais antigo do mercado nos respondeu o seguinte.

Para o consumidor voltar a frequentar esses dois lugares com mais frequência é necessário que se crie um espaço para que os ribeirinhos consigam desembarcar com suas produções e poderem vender próximo do mercado de peixe e do mercado de carne porque o que mais atrai os consumidores são aqueles peixes da maré, o camarão fresquinho, o açáí, além das frutas regionais que os ribeirinhos trazem para venderem na feira de Cametá. (B. P. S. 2022).

Eles nos disseram também, se a prefeitura tiver vontade de melhorar é possível, aqui ao lado na parte sul do mercado de peixe tem um porto desativado que funcionava o trabalho da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM). Após as entrevistas feitas com eles visitamos a área relatadas por eles e constatamos que é um bom espaço como mostra a figura - 17.

Figura 17 - Imagem do porto desativado da SUCAM.



Fonte: Furtado, (2022).

A figura 17 demonstra a imagem do porto desativado da SUCAM. Segundo os vendedores do mercado de peixe e de carne nesse espaço daria para a prefeitura

construir um trapiche público para embarque e desembarque de pequenos barcos dos ribeirinhos com suas produções e preparar uma área nos arredores para eles venderem as suas produções que vem, do mar como os peixes da maré e o camarão, os da terra como o açaí e outras frutas regionais. Os feirantes desses dois mercados acreditam que se a prefeitura construir um trapiche público nesse local com espaço para os ribeirinhos venderem as suas produções, a venda pra eles melhoraria porque os consumidores são atraídos pelos pescados fresco e pelas frutas regionais.

Vamos retratar agora outros setores da feira livre de Cametá por meio de imagens colhidas no momento do trabalho de campo.

Figura 18 - Imagem da parte externa do quarteirão do porto Pedro Teixeira.



Fonte: Furtado, (2022).

Essa imagem é da parte de terra das barracas do porto Pedro Teixeira. Dá pra perceber que é uma esquina, O lado esquerdo desce em direção ao trapiche da distribuidora de bebidas Antártica e lado direito passa pela frente do bloco e segue em direção ao galpão. Nesse bloco estão cadastrados 49 feirantes em diversas atividades em 3 corredores em direção ao rio como ilustra a figura – 19 e 20.

Figura 19 – Imagens dos corredores 1 e 2 do porto Pedro Teixeira.



Fonte: Furtado, (2022).

Figura 20 - Imagem do corredor 3 do porto Pedro Teixeira.



Fonte: Furtado, (2022).

As imagens acima foram tiradas em pleno horário comercial e percebemos que todos estão em plenas atividades, no corredor 1 aparece no fundo da imagem da estátua de Pedro Teixeira que deu origem ao nome dessa área de feirantes, nesse corredor não se vê mercadorias na frente das barracas e quase não tem movimento de consumidores. No Corredor 2 já aparecem algumas pessoas circulando e alguns produtos para venda. No corredor 3 aparece bem mais mercadorias expostas para venda e mais pessoas se movimentando.

Vamos entender os motivos dessa escassez de movimento entre o corredor 1 até o 3.

Figura 21 - Imagem da frente dos 3 corredores da área do porto Pedro Teixeira.



Fonte: Furtado, (2022).

Essa imagem é da frente dos três corredores que ficam localizados na área do Porto Pedro Teixeira e não se vê nem se quer uma escada para as pessoas subirem por esse espaço, as pessoas que circulam aí ou vem pela entrada de terra ou entra pelo trapiche público que fica logo ao lado direito dessa área. Esse fato esclarece o processo de movimentação dos três corredores.

Vamos agora retratar através de imagens os setores do galpão e ver no que eles refletem na movimentação dos consumidores e na economia dos feirantes que trabalham nesse espaço.

Figura 22 - Imagem da via principal do galpão da feira livre de Cameté.



Fonte: Furtado, (2022).

Essa imagem demonstra o corredor principal do galpão que entra pela rua São João Batista e sai na rua Pedro Teixeira e dá acesso a colônia de pescadores Z-16. Percebemos que há um intenso movimento de pessoas nesse corredor, é o único que vai direto de um portão a outro do galpão. Esse fato esclarece o maior movimento das pessoas e conseqüentemente as melhores vendas dentro do galpão acontece nesse espaço.

Logo na entrada do galpão pela rua São João Batista ao lado direito está localizado o box do seu gato como ilustra a figura - 23.

Figura 23 - Imagem do boxe do seu gato na entrada do galpão.



Fonte: Furtado, (2022).

Esse boxe está bem localizado na entrada do galpão vindo da rua São João Batista, estamos demonstrando de forma individual por ele retratar um pouco da cultura cametaense por meio da diversidade de produtos regionais e artesanais cultivados e extraídos das florestas amazônica que estão expostos para venda. Entre os produtos regionais os que aparecem em maior quantidade são os derivados da mandioca como, a farinha d'água, farinha de tapioca, a tapioca em massa, o tucupi e o beiju que são indispensáveis na mesa dos cametaenses e de muitos turistas que visitam a nossa cidade.

Percebemos na imagem também uma variedade de produtos fabricados de forma artesanal com matérias primas regionais onde podemos destacar: o tipiti, o paneiro, o cabo de machado, o chapéu de palha, o remo, cestinha de tala de timbuí entre outros que não descrevemos aqui. Em conversa com seu gato perguntamos a ele, o que levou o senhor a optar por trabalhar com os produtos extraídos da floresta? Ele nos respondeu o seguinte:

É muito bom trabalhar com esses produtos, todo cametaense gosta de ter no seu café da manhã, a sua farinha de tapioca, seu beiju e sua tapiquinha; no seu almoço aquele tucupi gostoso para incrementar o sabor da comida, a farinha de mandioca para tomar com o açaí. Quando o lavrador vem me vender a sua produção já compra para o seu trabalho o tipiti, o chapéu de palha, o paneiro, o cabo de machado, todos os materiais que são úteis para o seu serviço. Seu Gato, abril, (2022).

No depoimento do seu gato percebemos que ali no seu trabalho acontece um modo tradicional mais antigo de comércio que é o sistema de trocas de mercadorias por produtos e que é possível viver à custa da natureza sem prejudicá-la, de forma sustentável.

Figura 24 - Imagem da feira da farinha.



Fonte: Furtado, (2022).

Essa imagem está ilustrando a feira da farinha logo a após o boxe do seu gato ao lado direito do corredor. É o único setor destinado para a venda de farinha na feira livre em dia normal da semana, todo consumidor que compra nesses dias vem comprar aqui nesse local. Como percebemos é uma área bem organizada com tabuleiros de alvenaria.

Figura 25 - Imagens dos dois corredores de importados.



Fonte: Furtado, (2022).

Esses dois corredores estão localizados ao lado direito do corredor principal seguido da feira da farinha entrando pela rua São João Batista. Esses boxes são construídos a parte de baixo em alvenaria onde os feirantes guardam as mercadorias e a parte de cima são feitas de madeira, parte que os feirantes utilizam para exporem as mercadorias à venda. Segundo os vendedores de importados, eles compram as suas mercadorias em Belém em sua maioria em lojas de chineses porque o preço é mais barato que os produtos nacionais. Há alguns problemas que eles enfrentam nesse local, um deles é que esses corredores que saem da via principal do galpão para o lado direito só dão acesso a pequenos corredores paralelo ao da via principal sem movimento e não tem saída de forma direta para fora do galpão.

Um outro problema para esses vendedores é que tem várias barracas localizadas fora do galpão em vias de mais movimento que vendem produtos importados. Esses dois fatores dificultam a venda dos vendedores que ficam dentro do galpão porque a maioria dos consumidores compram o que precisam em locais de fácil acesso até para economizar tempo em que a maioria dos consumidores da feira vem da zona rural e ribeirinhos que dispõem de pouco tempo para realizarem as suas tarefas na cidade e a feira livre em Cameté funciona até 12 horas.

Figura 26 – Imagens dos dois corredores de estivas, corte de cabelo e ração.



Fonte: Furtado, (2022).

Esses são os dois últimos corredores do lado direito da via principal do galpão vindo da rua São João Batista, neles estão localizados os vendedores de estivas, corte de cabelos, alguns de variedades e uma parte de vendedores de ração.

Vamos agora demonstrar os corredores do lado esquerdo do galpão vindo da rua São João Batista, logo na entrada confrontando com a feira da farinha estão localizados os três corredores com boxes que foram destinados para os vendedores de roupas como está ilustrado nas figuras 27 e 28.

Figura 27 - Imagens dos corredores 1 e 2 de roupas no galpão



Fonte: Furtado, (2022).

Figura 28 - Imagem do corredor 3 de roupas no galpão.



Fonte: Furtado, (2022).

Esses corredores seguem em direção a feira do açaí, o que percebemos é que a maioria dos vendedores nesses corredores são vendedores de roupas, a problemática desse setor é que: O corredor 1, os boxes ficam encostado no muro onde do lado oposto passa a travessa Ângelo Correa, via de muito movimento e dá acesso direto ao trapiche municipal em frente a feira livre.

No final do corredor 1 os últimos 6 boxes encostado no muro foram comprados pelos donos dos estabelecimentos que ficam do outro lado de frente para travessa Ângelo Corrêa. Eles uniram os estabelecimentos e fecharam as portas para o lado do corredor 1 pelo fato de o corredor 1 não ter saída direta para fora do galpão em direção a feira do açaí e ter pouco movimento. Para sair para a feira do açaí tem que dobrar para a esquerda e sair pelo corredor 2.

No lado direito do corredor 1 os últimos 6 boxes foram comprados por empresários do corredor 2 que vendem ração, material de construção e pesca que também fecharam as portas para o corredor 1. Segundo os feirantes do corredor 1 esse processo causou problemas para eles pelo fato de que as pessoas que ficam tomando bebidas alcoólicas na feira do açaí na hora de fazerem as necessidades

não procuram banheiros e fazem nas paredes dos boxes que estão fechados causando mau odor para quem vende nas proximidades desse local e para os consumidores que passam por ali. Muitos dos consumidores evitam passar por esse corredor por causa dessa situação.

Perguntamos para os feirantes o que deveria ser feito para solucionar esses problemas? Seu R. B. P. um dos vendedores mais influente de roupas desse setor respondeu: Aqui pra nós a única solução é se o prefeito abrir um acesso direto para a feira do açaí e abrir as portas que estão fechadas. O corredor 2 tem acesso direto para a feira do açaí e tem uma movimentação melhor que o corredor 1. O corredor 3 também não tem acesso direto para a feira do açaí, mas todos os estabelecimentos funcionam. Esse espaço também tem pouco movimento pelo fato de os consumidores preferirem a vias de mais fácil acesso para circularem e fazerem as suas compras.

Conversando com os vendedores desses locais perguntamos a eles que sugestão eles dariam para melhorar o movimento nesse local? O seu E. F. R. respondeu em nome dos demais feirantes, é preciso que seja colocado nesse local algo que chame a atenção das pessoas como um caixa eletrônico onde os aposentados e beneficiados dos programas sociais possam receber seus benefícios, um crás para atendimentos sociais como: recadastramento de bolsa família, acompanhamento psicológico, entre outros.

Figura 29 - Imagens do corredor destinado para venda de verdura e hortaliças no galpão



Fonte: Furtado, (2022).

Essas duas imagens estão ilustrando o mesmo corredor de ângulos diferentes, uma tirada do lado direito e outra do esquerdo, elas estão demonstrando

os boxes destinados para venda de verduras aos lados direito e esquerdo e de hortaliças no centro, mas visualmente não percebemos nem uma das duas atividades na parte final do corredor. Segundo as pessoas cadastradas para trabalharem nesses boxes, essa fuga para outros locais ocorreu pelo fato de ter pouco movimento nesse corredor por ele não ter ligação direta para fora do galpão.

Figura 30 - Imagens dos dois últimos corredores do lado esquerdo do galpão.



Fonte: Furtado, (2022).

Esses dois corredores até o primeiro semestre de 2020 era apenas um corredor que tinha só esses boxes que aparecem do lado direito e esquerdo, visualizando as duas imagens ao mesmo tempo que foram destinados para vendedores de frango, no centro onde aparecem esses boxes que estão quase todos de porta fechadas tinha uma carreira de tabuleiros que eram destinados para os vendedores de frutas e produtos regionais como: bacuri, bacaba, uxi, banana, buriti, poupas de frutas, plantas medicinais e aves domésticas.

Mas conforme os donos dos boxes com pouco movimento e pouca venda para os consumidores não foi suficiente para eles conseguirem sustentar as suas famílias, a maioria buscaram outros lugares para trabalharem onde pudessem ganhar o suficiente para sustentarem as suas famílias. Ficaram muitos boxes de portas fechadas, os vendedores de frutas e produtos regionais abandonaram os tabuleiros buscando outras alternativas para venderem os seus produtos. Com a fuga dos vendedores dos tabuleiros no final do segundo semestre de 2020 o prefeito José Valdoli Filgueira Valente mandou demarcar o espaço dos tabuleiros em 28

pequenos lugares para os feirantes que foram remanejados da frente do Hospital Santa Luiza de Marilac se reinstalarem.

A prefeitura apenas demarcou o espaço e determinou que cada feirante construíssem os seus boxes, com muitos esforços eles construíram, mas, com a falta de movimento de clientes e de dinheiro a maioria dos boxes estão com as portas fechadas como é perceptível no centro das duas imagens. Percebemos também que a maioria dos boxes destinados para a venda de frangos também estão fechadas por causa desses corredores terem poucos movimentos e pelo fato de terem muitos boxes que vendem frangos em vias de mais movimentos fora do galpão.

Na figura abaixo está ilustrado uma feirinha agroecológica que acontece todos os dias de sábado em frente ao colégio (INSA)

Figura 31 - Imagem da Feirinha Agroecológica de Cametá



Fonte: Furtado, (2022).

Essa imagem acima é da Feirinha Agroecológica de Cametá que acontece todos os sábados em frente ao colégio INSA, foi criada em 2018 organizada pelas mulheres da Associação Agroextrativista dos Moradores do Ajó (AMA) com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cametá, ela é composta de 25 barracas metálicas desmontáveis, elas são montadas todos os sábados as seis horas da manhã e desmontadas as 12 horas.

São comercializados nessa feirinha produtos exclusivamente agroecológico cultivados e extraídos das florestas amazônica. Podemos visualizar na imagem vários produtos como: as plantas medicinais, plantas floríferas, pupunha, coco,

derivados da mandioca, aves domésticas entre outros. Em conversa com as vendedoras elas nos disseram assim “estamos bastante satisfeitas com esse trabalho porque além de estarmos em contato direto com os consumidores fazendo novas amizades, conseguimos uma melhor renda por vendermos sem atravessadores diretamente aos consumidores por um preço melhor” Como percebemos na imagem é uma feirinha bem organizada com bastante pessoas se entrelaçando, promovendo encontro de culturas e de novas amizades tanto das vendedoras quanto dos consumidores.

Demostramos cada setor da feira livre de Cameté por cadastro, por categoria e por imagens para o leitor ter noção de como estão distribuídos à venda os produtos na feira livre e onde as imagens estão condizendo com os cadastros ou não.

3.2 Dados da pesquisa de campo dos feirantes de Cameté

Durante as entrevistas constatamos que a faixa etária atual dos feirantes, que foram vítimas do incêndio de 14 de outubro de 2001 fica entre 50 a 60 anos de idade e entre 25 e 35 anos trabalhado na feira, 70% deles tem apenas o ensino fundamental.

Mas o lado bom é que com os recursos da feira livre, alguns feirantes conseguiram mandar educar os seus filhos e algo em torno de 90% se formaram no ensino médio, 40% no ensino superior, muitos estão atuando como professores. Como, por exemplo, as três filhas de dona Joanete, as duas filhas de d. Lucineia, a filha de dona Nelma está cursando o primeiro ano de medicina, o neto de dona Elza o terceiro ano de medicina, todos estudantes de escola pública custeado com o dinheiro arrecadado da feira livre.

Mas antes de eles serem contemplados com essas vitórias eles passaram por muitas dificuldades após o incêndio de 2001. Eles ficaram sem saber o que fazer, muitos ficaram sem barracas, sem mercadoria e sem capital para voltar a trabalhar. Era inviável voltar a trabalhar no mesmo local de antes do incêndio, o poder público municipal iria elaborar projeto para reassentar eles de forma confortável, liberou a Praça das Mercês, a frente do hospital Santa Luiza de Marilac e uma parte da rua Treze de maio entre a travessa D. Romualdo de Seixas e a travessa Ângelo Corrêa para eles se instalarem, mas o poder público municipal da época não ofereceu recurso para os feirantes vítima do incêndio erguerem as barracas nem determinou

como deveriam ser construídas. Os feirantes tiveram dificuldades em se reorganizarem e voltarem a trabalhar, muitos quiseram até desistir de trabalhar na feira como o caso do seu L. P. B. de 62 anos que nos disse assim.

Foi o pió momento da minha vida, eu vim do meu sítio para trata da minha mulher que tava duente, eu num tinha da onde arruma dinheiro pra cumpra remédio pra ela, ai eu cumecei ir trabalha na feira pra eu arruma dinheiro pra cumpra o remédio e a cumida pra nós. Quando ela ficu bua eu já tava acostumado na fera e não vortemos mas pro sítio. Quando pegu fugo a fera eu fiquei sim nada, disisperado eu falei pra mulhe, vamo vorta pro nosso sítio porque eu num tenho dinheiro pra cumpra mercaduria e nem pra faze barraca. A minha mulher falou pra mim assim, carma eu vou conversa com minha irmã e vamo ver se nós cunsegue arruma dinheiro pra faze a barraca. A mulhe arrumu o dinheiro e nós cupramo maderá meio barata e fizemo a barraca, e a mercaduria eu cumprei fiado de vendedor que eu conhecia e cumecei a trabalha de nuvo. (L, P B, março de 2022).

Eles permaneceram nesse espaço “provisório” aproximadamente 10 anos. Segundo o relato dos feirantes em 2010 como não foi concluído o projeto da obra do galpão a prefeitura com a administração do prefeito José Valdolli Filgueira Valente realocou ao lado do colégio INSA os mesmos feirantes que já trabalhavam naquele espaço antes do incêndio como está ilustrado na figura - 32.

Figura 32 - Imagem da área de confecções ao lado do colégio INSA:



Fonte: Furtado, (2022).

Essa imagem é das barracas de feirantes que vendem roupas e foram vítimas do incêndio de 14 de outubro de 2001 e foram realocados no mesmo espaço que trabalhavam antes. Segundo os feirantes o local é bom, tem bom movimento, a problemática é que a prefeitura não os autoriza eles a construírem as barracas em alvenaria por determinarem que eles estão trabalhando em local provisório, fato que deixa as barracas vulnerável a arrombamento por ladrões por falta de segurança.

Em 2011 a prefeitura organizou o espaço do porto Pedro Teixeira onde realocou 49 feirantes cadastrados que estão ilustrados nas figuras 19 e 20. Em 2012 transferiu os feirantes que trabalhavam entre o mercado de carne e a praça das Mercês para dentro do galpão e construiu no espaço desocupado 44 boxes em alvenaria para os vendedores de lanches. Em conformidade com os relatos dos feirantes foi o único espaço que a prefeitura entregou os boxes prontos, os demais foram divididos o espaço no chão e entregue por meio de sorteio aos feirantes para eles construírem as barracas.

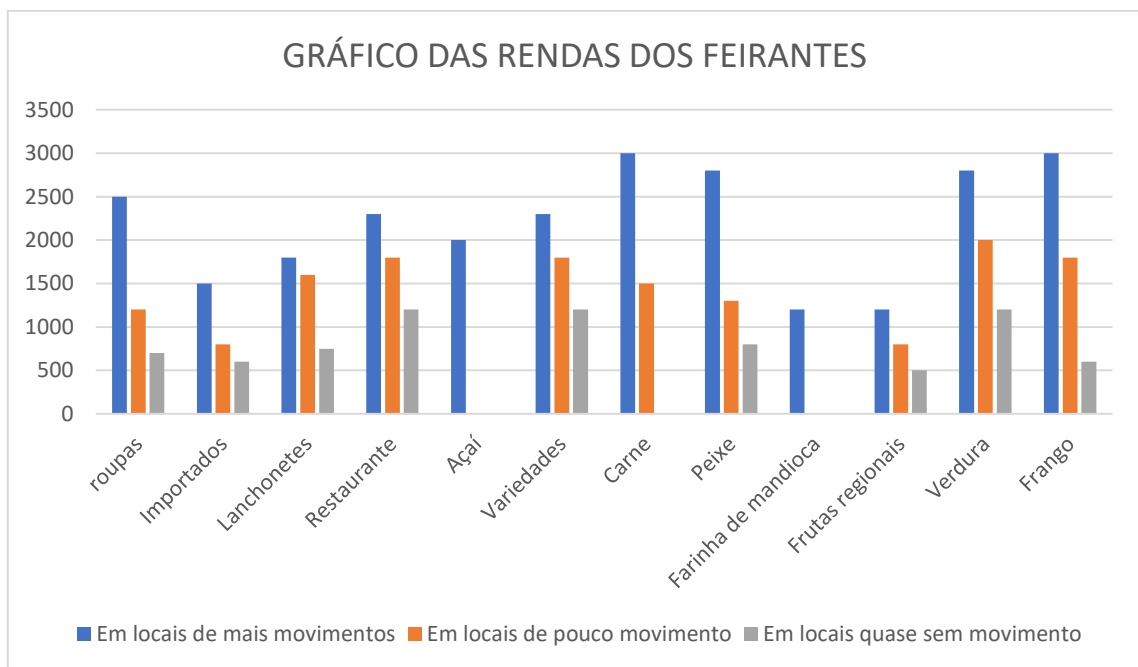
Perguntamos aos feirantes como eles consideravam o local atual de trabalhos deles? Sendo que 40% responderam que está bom, que são os que ficam nas vias de mais movimentos localizados entre o mercado de carne e a praça das Mercês, entre o colégio INSA e o porto do Pedro Teixeira, feira do açaí, na travessa Ângelo Corrêa e na via principal do galpão; 30% regular que são os que ficam em vias de poucos movimentos como no caso das vias do galpão que saem da via principal e seguem em direção a feira do açaí e dos mercados de peixes e de carne; 30% ruim ou péssimo para os que trabalham nas vias de quase sem movimentos como os dos corredores do galpão que seguem em direção ao muro e dos corredores da área do porto Pedro Teixeira que concorrem com feirantes que vendem os mesmos produtos que eles em vias de mais movimentos.

Perguntamos aos feirantes, o que deveria ser feito para melhorar a organização do espaço da feira livre de Cametá? As respostas foram diversificadas, os vendedores dos mercados de carne e de peixe acham que para melhorar pra eles a prefeitura deveria criar uma área de embarque e desembarque dos ribeirinhos com suas produções e espaço para eles venderem próximo aos dois mercados que voltaria o movimento. Eles deram sugestão do porto da SUCAM que está desativado ao lado direito do mercado de peixe para construir um trapiche público com área ao redor para os ribeirinhos desembarcarem e exporem as suas produções à venda; Os vendedores do bloco do porto Pedro Teixeira nos disseram que para melhorar para eles basta a prefeitura construir uma área para os ribeirinhos desembarcarem e venderem as suas produções em frente ao bloco na margem do rio no espaço que está ilustrado na 21; os feirantes que ficam nos corredores do galpão fora da via principal acreditam que para melhorar a prefeitura deve criar alternativa para que as pessoas se movimentem de forma igual no espaço da feira e colocar cada produto em um único setor que os consumidores além de saber aonde ir comprar o que

precisam, economizariam tempo na hora das compras; para os que ficam nas vias de mais movimentos só precisa melhorar a segurança e para muitos que a prefeitura permita a construção das barracas em alvenaria que ficariam mais reforçadas.

Com relação a renda dos feirantes na feira é bastante diferenciada e nós ilustramos a renda média referenciada por locais de mais movimentos, poucos movimentos e quase sem movimentos como está ilustrado no gráfico-1

Gráfico-1: Rendas medias dos feirantes de Cametá.



Fonte: Furtado, (2022).

Demostramos no gráfico acima as rendas médias dos feirantes referenciadas por locais de mais movimentos, poucos movimentos e quase sem movimentos. A feira livre de Cametá funciona de segunda a sábado até 12 horas da manhã com exceção na área de alimentos que muitos trabalham nos domingos e feriados. A maioria dos feirantes não fazem uso de meios tecnológicos para ampliarem as suas vendas, é no tradicional mesmo, mercadoria na sacola dinheiro na mão. Apenas uma minoria, aproximadamente uns 10% utilizam recursos tecnológicos para melhorar as suas vendas como: comprar por grupos de compras e vendas na internet, vender no cartão de credito pela maquininha, vender pelo grupo de WhatsApp e mais recentemente no pix, novidade que vem crescendo com mais

rapidez no comércio que é mais prático para os consumidores e pequenos comerciantes.

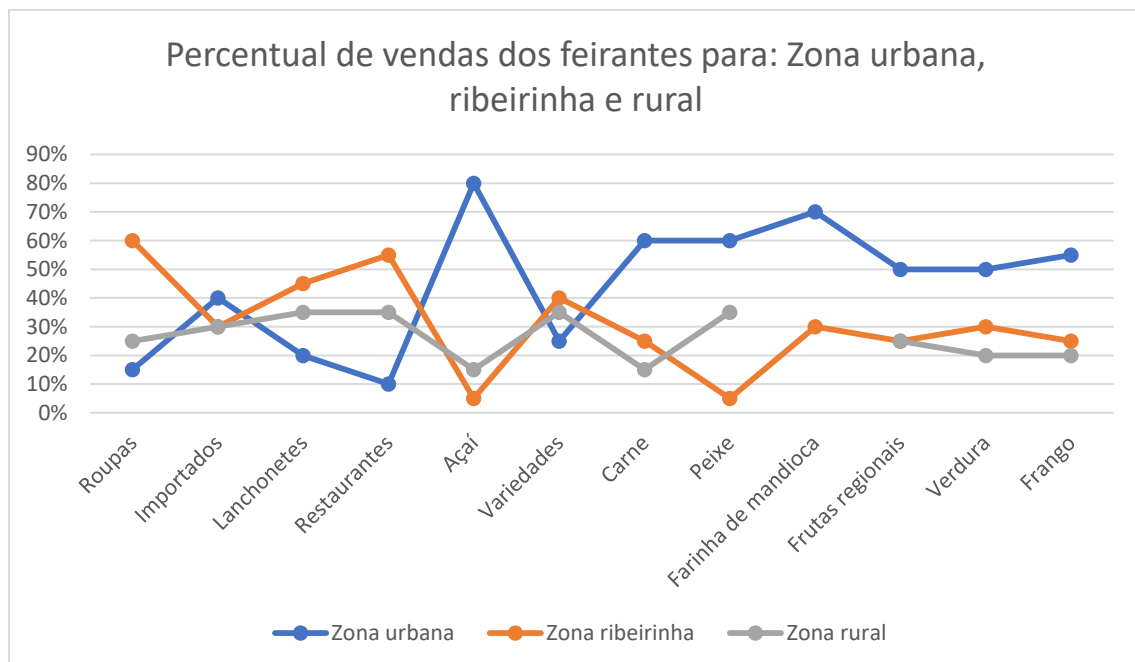
Perguntamos aos feirantes qual foi o momento de mais dificuldades que eles já passaram na feira livre? O senhor D. S. O. nos respondeu o seguinte:

Nós que fomos vítimas do incêndio de 2001 passamos dois momentos mais difícil nessa feira, o primeiro foi logo após o incêndio onde perdemos as nossas barracas com todas as mercadorias e tivemos muitas dificuldades para recuperar as nossas perdas, o segundo momento foi pela época da pandemia do Corona vírus da Covid-19 em que tivemos que obedecer ao toque de recolher do governo para evitar a contaminação da Covid-19 sem poder trabalhar e pela perda dos parentes e amigos que a gente teve.

Segundo seu D. S. O. o pior momento foi pelo fato de nos momentos críticos da doença eles não poderem trabalhar por critério de segurança.

Perguntamos aos feirantes, de onde são a maioria de seus clientes, da Zona urbana, ribeirinha ou rural? Eles responderam de acordo como está demonstrado no Gráfico 2 abaixo.

Gráfico-2. Percentual de venda por zona dos feirantes.



Fonte: Furtado, (2022).

O gráfico acima representa o percentual de venda dos feirantes referente os clientes das zonas urbanas, ribeirinhas e rurais, baseado nos dados colhidos nas pesquisas de campo.

3.3 Dados de pesquisa com os fregueses que compram na feira de Cametá

Conversamos com fregueses que frequentam a feira livre de Cametá e constatamos que há diferenças na faixa etária de idade por categorias de produtos e gêneros. Na parte da alimentação a maioria dos fregueses são mulheres da cidade entre 30 a 50 anos que frequentam a feira entre dois ou três dias por semana para fazerem as suas compras, na área das roupas, importados a maioria fica entre os jovens 18 a 30 anos independente de gênero que gostam sempre de vestir roupas e produtos da moda de lançamento recente.

Perguntamos aos consumidores como eles avaliavam as edificações da feira livre de Cametá? Como resultado destacamos a fala da dona D. S. F. de 65 anos que mora na cidade de Cametá e faz suas compras na feira livre de Cametá a mais de trinta anos, ela nos respondeu o seguinte:

As estruturas precisam de melhorias e também de organização, o mercado de carne está precisando de reforma na estrutura e nos equipamentos de trabalhos dos açougueiros, vários boxeis estão vazios sem as maquinas de refrigeração, sem as serras elétricas de serrar os ossos, as cerâmicas das paredes estão soltando tanto da parte interna quanto externa. É também importante que todos os açougueiros da feira trabalhem dentro do mercado de carne para que os consumidores voltem a comprar carne nesse local; O mercado de peixe precisa de pouca melhoria na estrutura física, mas, está faltando concentrar todos os vendedores de peixe existente fora do mercado para dentro dele, na incumbência de fazer os consumidores voltarem a comprar o pescado dentro do mercado de peixe. (D. S. F. março de 2022).

Segundo dona D. S. F. o mercado de carne está com a estrutura física precisando de reformas tanto na parte externa quanto interna, reposição das máquinas que foram remanejadas do mercado e trazer os talhadores de carne que estão fora do mercado para dentro dele.

Com relação a área destinada para lanchonetes, o setor ao lado do colégio INSA, a área do porto do Pedro Teixeira e a descida da Travessa Ângelo Corrêa ressaltamos o comentário de dona M. C. G. P. de 52 anos que mora na zona ribeirinha e sempre que vem à cidade frequenta a feira livre. Ela nos disse que:

Com relação ao setor das lanchonetes a estrutura física está excelente o problema é que a maioria dos boxeis já vendem outros tipos de produtos deixando os consumidores confuso sem saber o que comprar nesse setor. As barracas ao lado do colégio INSA estão bem padronizadas, onde são comercializadas em quase todas as barracas roupas dando opções para os consumidores saberem o que compra nesse local. Elas precisam ser melhoradas apenas nas suas estruturas físicas porque são construídas todas em madeira o que torna elas frágeis e vulneráveis a arrombamento. No porto Pedro Teixeira a problematização é maior, as barracas são frágeis, construídas quase todas em madeira, desorganizadas com quase sem movimentos. Não tem por onde o povo das ilhas subir direto nesse setor. A

descida da travessa Ângelo Corrêa é bastante movimentada pelo fato de os ribeirinhos ao desembarcarem no trapiche municipal que fica em frente a feira livre, eles sobem direto nessa travessa ocasionando nesse setor mais movimentos. Esse local também está bastante desorganizado e precisa melhorar, peixes, carne e frango são expostos em tabuleiros sem nenhuma proteção e pode sofrer contaminação por insetos transmissíveis de doenças, (M. C. G. P. março de 2022).

No comentário de dona M. C. G. P. foi argumentado sobre a observação que ela faz sempre que frequenta a feira livre de Cametá, ela enfatizou sobre as condições físicas e de organização dos setores de lanchonetes, de roupas ao lado do colégio INSA, da área do porto Pedro Teixeira e da descida da travessa Ângelo Corrêa. Segundo ela o das lanchonetes estão precisando apenas que derivem os boxeis para os vendedores de lanches e que seja organizados os outros produtos cada categoria em um setor único na feira livre. O de roupas ao lado do colégio INSA estão bem organizados, só falta melhorar as estruturas físicas que são de madeiras. O que precisa de mais melhorias é o do porto Pedro Teixeira que está totalmente frágeis, desorganizado e quase sem movimentos. Na descida da travessa Ângelo Corrêa apesar de ter bastante movimento está faltando higienização com os produtos alimentícios como carnes, frangos e peixes que estão expostos para venda sem proteção contra os insetos que pode causar contaminação nos alimentos, falta organizar as barracas por categoria de produtos e melhorar a estrutura física das barracas.

Sobre como os consumidores avaliam os produtos que compram na feira livre de Cametá, relatamos a palavra do senhor L. C. P. 48 anos morador da zona rural que sempre frequenta a feira livre de Cametá quando vem na cidade. Ele nos relatou que:

Além de os produtos da feira livre serem em sua maioria mais baratos são de ótimas qualidades, principalmente os peixes da maré, o camarão, o açaí, as carnes frescas, frangos abatidos na hora, verduras, as hortaliças recém tiradas das hortas, entre outros produtos que atraem os consumidores para feira como os que são produzidos por nós agricultores como a farinha de mandioca, a farinha de tapioca, a tapiquinha, o tucupi além das frutas extraídas e cultivadas pela agricultura familiar que são comercializadas na feira livre de Cametá. (L. C.P. março de 2022).

Além do seu L. C. P. foram feitas pesquisa com muitos outros consumidores tanto da zona rural quanto da zona urbana e ribeirinha que concordam que a maioria dos produtos da feira livre são de ótima qualidades, mais baratos que os supermercados e muitos não se encontra nas lojas, são exclusivos da feira como, o camarão, os peixes da maré, o açaí em grão além de outros.

Perguntamos para os consumidores no geral o que precisa melhorar pra eles? Como resultado da pesquisa utilizamos a sugestão do senhor E. S. V. de 68 anos, homem observador nos sugeriu que:

A feira livre de uma cidade é muito importante para o seu município, é ela que faz circular a economia para todos os interiores, e a feira livre de Cametá não é diferente, mas, muitas coisas precisam melhorar. Para os ribeirinhos um dos problemas é que só tem um porto público para eles encostarem e desembarcarem na frente da feira livre que não é suficiente para as pequenas embarcações que frequentam diariamente a cidade, sendo que muitos dos pequenos barcos encostam no trapiche público Chiquinho Nabiça que fica mais ao lado sul, um pouco longe da feira livre e muitos dos consumidores que desembarcam nesse porto nem passam pela feira por não disporem de muito tempo para realizarem suas atividades, e pelo fato de a feira livre de Cametá só funcionar até as doze horas da manhã. Para os consumidores da zona rural falta um terminal rodoviário para as paradas dos ônibus onde eles pudessem desembarcar próximo da feira livre e comprarem os produtos que precisam de lá, os ônibus ficam espalhados por vários setores da cidade e muitos do povo rural para passarem na feira além de pagarem passagem para virem para cidade se quiserem passar na feira tem de pagar mototáxi para vir e voltar para o estacionamento dos ônibus, porque muitos ônibus param longe da feira livre e muitos dos consumidores dispõem de pouco tempo para realizarem suas atividades na cidade e quando chegam na feira ainda se atrapalham na hora de comprar por causa da desorganização da feira. (E. S. V. março de 2022).

Analisando a sugestão do Seu E. S. V. e com as visitas que fizemos durante a pesquisa de campo constatamos realmente que se a prefeitura disponibilizassem mais trapiche público para os ribeirinhos encostarem as suas embarcações e desembarcarem com as suas produções melhoraria para eles venderem os seus produtos e ganhariam mais tempo para fazerem as suas compras, assim como para os trabalhadores rurais, se a prefeitura disponibilizasse um local próximo da feira livre para os ônibus que vem da zona rural estacionarem favorecia para os trabalhadores rurais fazerem as vendas dos seus produtos e realizarem suas compras, porque do jeito que está fica difícil pra eles, eles pagam o frete de seus produtos para chegar na cidade, descem dos ônibus longe da feira, e tem que pagar frete novamente para os donos de carrinhos braçais para chegarem na feira, fato que aumenta as suas despesas e diminui os seus lucros.

Se olharmos geograficamente para a feira livre de Cametá e observarmos o que ela envolve no seu cotidiano dentro da feira e fora do espaço físico dela, vamos descobrir que ela é muito importante para a economia do município, principalmente porque as nossas autoridades políticas não se esforçam para implantar indústrias

que possam gerar empregos para as pessoas que vivem da economia da feira e para as demais pessoas desempregadas.

Quando você chega em uma barraca que vende café, mingau, tacacá, pipoca, entre outros produtos dessa magnitude, os vendedores lhes recebem com a maior educação, com sorrisos nos rostos, na maior felicidade, e quando você paga pelo cafezinho eles agradecem e recomendam você a Deus. Para os que veem apenas o momento presencial daqueles vendedores na hora que são atendidos, eles devem imaginar que eles vivem uma vida de conforto pela alegria que expressam na hora que vendem a um consumidor.

Mas, se nós olharmos para aqueles vendedores e analisar as circunstâncias que os envolvem e fazem com que eles estejam ali vendendo o cafezinho, o mingau, e os demais produtos, as vezes dá vontade de chorar. Muitos daqueles vendedores que lhe encontram sorrindo não conseguem ter um almoço decente, porque o lucro dos produtos que eles vendem é tão pequeno que eles teriam que vender muito para ter uma comida digna em sua mesa. Quantos cafezinhos por exemplo um vendedor tem que vender para com o lucro poder comprar um quilo de carne? Quantas cuias de mingau o vendedor precisaria vender para com o lucro poder comprar um botijão de gás? enfim, uma série de despesas que um pequeno vendedor precisa arcar para ter uma vida digna. Além da carne, do gás, quantas outras coisas essas pessoas precisam comprar para suprirem as necessidades de suas famílias, ou pagarem, como energia, água, internet para as crianças acompanhar os estudos porque nem todos tem acesso gratuito. Em fim uma série de despesas que os feirantes tem que arcar com o lucro da venda de mingau, cafezinho, tapiquinha etc.

Como se sabe, esses pequenos vendedores na sua maioria não conseguem dar uma vida confortável para as suas famílias, elas sobrevivem daquilo que elas conseguem arrecadar. As vezes almoçam e jantam, as vezes só almoçam, as vezes nem almoçam e nem jantam porque não tem o que comer. É essa situação que nós devemos observar e se pudermos, fazer alguma coisa que possa melhorar o cotidiano dessas pessoas.

Relatamos essa situação a vocês porque vivemos em constante observância com os fatos que ocorrem na feira livre de Cametá, e acreditamos que acontece também em outros municípios. Muitas moças circulam na feira de Cametá vendendo cafezinho, mingau, pastel, entre outros produtos e em muitas ocasiões são

assediadas por pessoas mal intencionadas e ficam caladas porque é de onde elas estão conseguindo tirar recursos para sua sobrevivência, algumas até se prostituí para conseguir comprar o sustento dos seus filhos entre outras coisas que não vamos relatar.

É uma vida indigna, é uma luta árdua dos feirantes para conseguirem arrecadar recursos e sustentarem as suas famílias, o feirante vive à custa de seu suor, muitos madrugam para enfrentarem os seus trabalhos. Os vendedores de mingau por exemplo, levantam as cinco horas da manhã para irem comprar o açaí fresquinho direto dos produtores por um valor menor que dos atravessadores, para terem um preço competitivo e um mingau de qualidade para os seus clientes tentando melhorar as suas rendas; os vendedores de café levantam o mais cedo possível para passarem nas padarias, comprarem os pães e esperarem os ribeirinhos nos trapiches e nas estações de ônibus para venderem os seus cafezinhos para os que chegam cedo na cidade, os vendedores de cheiro verdes passam nas suas hortas antes de chegarem na feira livre para colherem o cheiro verdes, lavarem para tirar as impurezas, fazerem os pacotinhos, colocarem nos tabuleiros e esperarem os clientes.

Muitos dos vendedores feirantes são obrigados a dividir seu tempo na feira entre venderem seus produtos e tomarem conta de seus filhos pequenos porque eles não têm com quem deixar em casa e não tem condições de pagar empregados para cuidarem das crianças, as vezes até perdem clientes na hora de atenderem porque os filhos choram ao mesmo tempo e a prioridade é cuidarem dos filhos.

O que devemos fazer para resolver essa situação? Não sabemos o que fazer, só vemos uma situação em que podemos encontrar caminhos que possa trazer luz à essas pessoas que é a educação.

O sistema educacional no Brasil é bastante precário, principalmente no ensino fundamental onde quase a totalidade dos alunos das escolas públicas são de classes médias e baixas rendas, alunos que não dispõem de uma moradia digna, nem sempre tem as suas refeições diárias completas em sua mesa, como os filhos de muitos feirantes de Cameté. É uma realidade que precisa ser vista pelos governantes de nosso país para que eles tenham melhor conhecimento da situação desses alunos, e poderem investir na educação das crianças em conformidade com a situação de cada aluno.

Acreditamos que para solucionar ou melhorar a precariedade das famílias de baixa renda no Brasil como as famílias de feirantes de Cameté é preciso que clareie a visão das autoridades que administram a educação no Brasil para que eles vejam que só com uma educação comprometida com o bem social e com os profissionais da educação é que vamos vencer os desafios da fome, da miséria e da desigualdade social. Pensamos que, é preciso valorizar mais os professores, concedendo a eles salários dignos, suficiente para que eles possam antes de aplicar o ensino às crianças buscar conhecer nas residências de cada aluno junto às famílias as realidades que envolvem cada criança, e junto com a secretaria de educação do município elaborar projeto para cada família conforme as suas necessidades.

Para entenderem melhor o que estamos querendo esclarecer vamos usar como exemplo o programa social do governo federal bolsa família. Por exemplo: para famílias de baixa renda que tem três filhos o governo federal paga o mesmo valor sem conhecer outras realidades das famílias, mas se você buscar conhecer a realidade das famílias na vivencia do seu cotidiano, você vai encontrar realidades bastantes distintas. Entre elas você vai encontrar, mães solteiras, famílias sem teto, morando de aluguel, com casas de madeiras, casas em alvenarias, empregados, desempregados, famílias com filhos consumidores de drogas, em fim uma série de fatores que retratam a diferença em cada famílias e alunos que deveriam receber recursos, tratamento de saúde, educação e incentivo em conformidade com as suas necessidades e potencialidades.

Acreditamos que, se houver uma busca através da educação por pessoas capacitadas dentro dos lares das famílias de baixa renda, conhecendo as particularidades de cada família, se vai encontrar muitos tesouros em forma de crianças que se forem lapidadas podem mudar a realidade deles, de suas famílias e até do nosso país.

Pensamos que, se a educação for olhada com mais atenção e compromisso pelos nossos governantes, se eles reforçarem os investimentos e os quadros de professores, colocando os professores para fazerem as visitas nas casas das famílias responsáveis pelos alunos, conhecerem a realidade de vida deles, tentarem descobrir junto com as comunidades e as famílias a vocação de cada criança, fazerem anotações e junto da secretaria de educação de cada município elaborarem projetos para darem suportes necessários para que sejam avaliados em caráter

particular de cada criança a sua capacidade cognitiva e aplicarem recursos atendendo as necessidade de cada uma delas dependendo de suas particularidades para que tenham moradias dignas, assistência em saúde e educação de qualidade concedendo a elas bolsas famílias ou outros recursos dependendo de suas carências ou necessidades, acreditamos que as nossas crianças terão um futuro melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso trabalho fizemos uma abordagem sobre as transformações históricas que aconteceram na feira livre de Cametá, tendo como prioridade as que ocorreram após o incêndio de 14 de outubro de 2001, nesse processo utilizamos as técnicas das ciências sociais em especial as da Geografia absorvida no período do curso de licenciatura na faculdade, esse trabalho foi desenvolvido baseado no conhecimento empírico e nas pesquisas de campo, para nos aprofundar nas nossas pesquisas utilizamos o método dialético, onde argumentamos, discutimos e debatemos com os feirantes e consumidores com mais consistência sobre as problematizações existente na feira livre de Cametá e alcançamos da melhor forma possível os objetivos desejados.

Antes de começarmos as nossas pesquisas referente a feira livre de Cametá consultamos obras de alguns autores como, ANDRADE, (2016) e BARBOSA, (2013), onde abordamos sobre o histórico e os conceitos de feiras para demonstrar melhor em nosso trabalho para o leitor suas origens históricas, como elas foram se desenvolvendo no decorrer do tempo desde a antiguidade onde o comercio era apenas na base de troca mercadora pela produção e como as feiras resistiram até os dias de hoje diante das tecnologias avançadas de mercado utilizadas pelas lojas e supermercados.

Analisamos as características desse sistema de comércio nas cidades amazônicas de Altamira, Manaus e Santarém consultando as obras dos autores, GUERA e SOUZA, (2010) que abordaram sobre a Feira Livre e a Feira do Produtor em altamira, a Feira Livre foi fundada em 1987 pela Associação dos Comerciantes e Feirantes de Altamira (ACFA) eles são caracterizados como atravessadores que intermediam as mercadorias dos produtores até os consumidores, o que faz com que os produtos cheguem com preços mais elevados até os consumidores.

A Feira do Produtor foi fundada em 1989 pela Associação dos Produtores Feirantes de Altamira (APEFA) com o apoio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (EMATER) onde são os próprios feirantes produtores que fazem as vendas de suas mercadorias que são produzidas por eles e seus familiares, fato que favorece os produtores comerciantes que vendem a sua produção por um preço mais elevado melhorando as suas rendas e aos consumidores que acabam economizando comprando por um preço mais baixo do que dos atravessadores, diretamente dos produtores.

Percebemos que as duas feiras trabalham organizadas em associações fato que fortalece eles na hora de obterem financiamentos com os bancos, na busca por mercados e na própria venda na feira. Ilustramos por imagem as diversidades de produtos comercializados nessas duas feiras e seus aspectos funcionais enquadrando os mais diversos produtos comercializados, o que podemos observar na figura -1.

Para nos aprofundarmos no conhecimento da funcionalidade das feiras amazônicas consultamos também a obra de Vargas e Vargas (2015) que aborda sobre as duas Feiras de Produtos Regionais em Manaus, organizadas pela Agencia de Desenvolvimento Sustentável (ADS) em parceria com o Exército Brasileiro (EB), Secretaria de Produto Rural (SEPRO) e prefeituras locais onde os camponeses é que vendem as suas produções diretamente aos consumidores. As duas feiras são denominadas com o próprio nome das instituições, uma é a feira do CIGS que está localizada no estacionamento da Organização Militar (OM) do Exército Brasileiro (EB) no bairro são Jorge com o nome de Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS). A outra é a feira do CASSAM que está localizada no estacionamento do Cassino dos suboficiais e Sargentos da Aeronáutica de Manaus (CASSAM) no bairro São Lázaro como está ilustrado no mapa -1

A ADS é responsável pelo desenvolvimento Sustentável do Amazonas e atua na organização e escoamento da produção da agricultura familiar e do extrativismo em parceria com o Exército Brasileiro buscando as produções junto com os produtores para venderem diretamente aos consumidores. Segundo Vargas e Vargas (2015), o projeto das feiras dos produtores regionais do Amazonas iniciou em 2008 com a feira de produtos regionais do SIGS e depois em 2012 com a feira do CASSAM denominada de Feira da Economia Feminista e Solidária de Produtos Regionais. Diante de pesquisas feitas foi constatado que mais de 70% dos

produtores vendedores nas feiras regionais do SIGS e do CASSAM são do gênero feminino. Como exemplo da Feira Livre e a Feira do produtor em Altamira, a feira do SIGS e a do CASSAM trabalham também de forma coletiva organizadas em associações.

Para complementar com mais êxito o nosso trabalho sobre as feiras amazônicas e compreendermos melhor o seu modo funcional averiguamos a obra de Moraes, Guedes e Cardoso (2017) que enfatiza sobre as feiras, do Aeroporto Velho, Mercado 2.000 e Cohab na cidade de Santarém organizadas pela Associação dos Produtores Rurais de Santarém (APRUSSAN) que teve como principal objetivo de organizar os feirantes camponeses da agricultura familiar dando incentivo para que eles pudessem vender seus produtos diretamente aos consumidores com o intuito de os agricultores obterem melhores rendas. As três feiras estão localizadas nos bairros do Aeroporto Velho, Fátima e Diamantino como está ilustrado no mapa - 2.

Segundo os autores, os comerciantes dessas feiras são todos integrantes de produtores da agricultura familiar o que dá pra perceber nos produtos expostos para venda nas barracas como: pepino, tomate, batata, pimentão, cheiro-verde, banana entre outros que podemos averiguar nas figuras, 2, 3 e 4. Observamos também que essas feiras de Santarém trabalham organizadas em associações. Diante das pesquisas que fizemos sobre as feiras amazônicas constatamos que a maioria dos produtos comercializados são advindos da agricultura familiar e extraídos das florestas amazônica englobado na dinâmica do circuito inferior da economia urbana, (SANTOS,1978) e para se manter viva diante das altas tecnologias utilizadas pelos agronegócios estão sempre apoiadas por algumas organizações sociais como: Cooperativas, ongs, sindicatos entre outras.

Ainda no capítulo - 1 após a pesquisa de campo relatamos em nosso trabalho sobre o cotidiano e a dinâmica da feira livre de Cametá. Averiguamos que, como as demais feiras amazônicas ela também está inserida no circuito inferior da economia urbana, mas diferente das demais, os feirantes de Cametá em sua maioria trabalham de forma individual, sem organização coletiva do tipo cooperativa ou associação, na informalidade, sem gerar renda para o governo, situação que causa dificuldades pra eles conseguirem recursos financeiros diante das instituições bancárias, investimento pela prefeitura porque os governantes alegam que os feirantes não geram recursos para investir na feira.

Apesar da feira livre de Cametá está inserida no circuito inferior da economia urbana de nosso país, onde a maioria dos feirantes fazem as suas vendas no modo tradicional, troca dinheiro por mercadoria, na informalidade, sem cadastros na receita federal e sem pagarem impostos, é ali que acontece o maior fluxo de pessoas diárias vindas das áreas ribeirinhas e rurais do município de Cametá e de municípios vizinhos como de Limoeiro de Ajuru, Mocajuba, Baião e Oeiras do Pará promovendo encontros de culturas e costumes diferentes. A feira livre de Cametá como as demais feiras amazônicas é composta por grandes variedades de produtos diversificados que atraem os visitantes que vem dos mais diversos lugares do interior do nosso município, de municípios vizinhos trazer suas produções para venderem e comprarem outros produtos que compõem as suas necessidades, fato que enriquece a cultura e a culinária cametaense

No capítulo II realizamos uma análise teórica sobre o processo histórico da feira livre de Cametá, para isso analisamos obras de alguns autores como, TAMER, (1987) que relata sobre a pacificação dos índios Camutás pelo Frade Frei Cristovam de São José evangelizando-os na fé cristã; PONPEU, (2002) que fala também sobre a evangelização dos índios e da formação do primeiro povoado no baixo Tocantins; SANTOS, (2015), que aborda em sua obra o processo histórico de Cametá mas com foco maior para a problematização portuária de nossa cidade.

Após consultarmos as obras desses autores foi possível compreendermos como Cametá foi se constituindo no decorrer de sua história e averiguamos que esse espaço foi palco de muitas lutas sangrentas para defender o território paraense das hegemonias portuguesas. Conforme os relatos dos autores os combatentes de destaque que lutaram no território cametaense estão o Frei Cristovam de São José que teve a incumbência de catequizar os índios para lutarem em prol da independência da Província do Grão Para da soberania portuguesa, Feliciano Coelho que foi nomeado o primeiro capitão-mor da capitania de Camutá e elevou o povoado existente a categoria de vila com o nome de Vila Viçosa de Santa Cruz dos Camutás, o Padre Prudêncio, que foi nomeado comandante militar com o objetivo de criar estratégia política de defesa contra as ofensivas dos cabanos.

Demostramos o Porto Real por imagem adquirida do arquivo pessoal do Aroldo Barros onde foi construída a escada de pedra em que encostavam os batelões, canoas e as embarcações que traziam as suas produções para venderem para as pessoas nas casas e para os armazéns de exportações. Fato que originou

primeiras formas de comércio no município de Cametá como percebemos na figura - 5

Segundo Mocbel, (2003) até a década de 50 as relações comerciais eram feitas nas casas comerciais, ainda não havia feira, só vendedores ambulantes de mingau. Cafezinhos, frutas, biscoitos entre outros. Observando a obra de CALDAS e OLIVEIRA, (2014), eles relatam que só por volta dos anos 1960 é que as primeiras barracas fixas foram construídas em madeiras constituindo os primeiros movimentos de feira, processo que segundo eles foi bastante conturbado pelo fato de os comerciantes se sentirem insatisfeitos com as aglomerações da feira porque os feirantes vendiam mais baratos que as lojas por não pagarem impostos e os comerciantes tinha o apoio das autoridades o que causou momentos tensos entre feirantes e a prefeitura provocando várias mudanças da feira de um espaço para outro.

Ainda sobre o relato de Caldas e Oliveira, em 1970 foi construída uma rampa ao lado do mercado de carne à margem do rio para os ribeirinhos encostarem e venderem seus produtos, fato que segundo eles chamou a atenção dos feirantes que começaram a construir barracas fixas sem organização e nem higiene o que ocasionou mau cheiro e levou o prefeito da época Alberto Mória Mocbel a construir em 1971 ao lado da antiga Codica 80 boxeis de alvenaria mais quarenta de madeira para alocar os feirantes nesse local e uma rampa de madeira para os ribeirinhos desembarcarem, processo que ocasionou mais aglomerações de barracas desorganizadas que levou o prefeito Alberto Mória Mocbel em 1980 em seu segundo mandato construir uma arquitetura metálica dividida em 80 lugares pra acomodar os feirantes que estavam desorganizados.

Como foco maior de nosso trabalho fizemos uma abordagem sobre o incêndio que ocorreu na feira livre de Cametá em 14 de outubro de 2001 que deixou a população cametaense em pânico. Constatamos que foi um dos maiores incêndios ocorrido no estado do Pará, que segundo o Senhor J. C. que trabalhava na época como fiscal, o incêndio consumiu mais de 60% das barracas da feira livre além de várias lojas que ficavam ao lado da feira a margem do rio, que os feirantes tiveram muitas dificuldades para recomeçarem suas atividades porque não tinham recursos financeiros para reconstruir as barracas, só receberam como ajuda doação de pequeno valor da banda Wlad e 2000,00 como empréstimo da Caixa Econômica Federal para comprar mercadorias. Durante dez anos eles permanecerem nos

lugares provisórios, tiveram bastante prejuízos pelo fato de as barracas serem de madeiras frágeis sendo alvo fácil para ladrões.

Foi um marco histórico na vida dos feirantes de Cametá e no espaço físico da feira que desde o momento do incêndio está em constante transformações feitas pelas autoridades governamentais na tentativa de reorganizar esse espaço para confortar melhor os feirantes e consumidores. Fizemos entrevistas com os feirantes para saber as consequências que eles sofreram por ocorrência do incêndio de 2001.

Dialogamos com os feirantes sobre um projeto de um galpão que foi criado logo após o incêndio pela prefeitura que seria para a reorganização dos feirantes, mas que não foi concluído e deixou os feirantes por dez anos nos lugares provisórios e só no terceiro mandato do prefeito José Valdolli Figueira Valente é que ocorreu o processo de transição da realocação deles para o local onde estão. Segundo os feirantes esse processo foi feito de forma mal planejado, sem projeto técnico principalmente nos boxes que ficaram dentro do galpão onde os consumidores circulam de forma desigual. Foram apenas marcados os lugares e entregues aos feirantes por sorteio sem nenhuma assistência financeira para eles construírem os boxes. Foi outro momento de dificuldades que os feirantes tiveram nos seus trabalhos.

No capítulo III retratamos a feira livre de Cametá por Cadastro, setores e imagens, o que nos permitiu entender a realidade do espaço da feira livre de Cametá, conhecer as diversidades de produtos que abastecem esse espaço vindo tanto das zonas ribeirinhas quanto das zonas rurais e das indústrias do nosso município e de municípios vizinhos provocando encontros de raças enriquecendo a cultura cametaense e fazendo a economia circular por toda região.

Diante das pesquisas de campo nos deparamos com os problemas existentes na feira e destacamos os mais citados pelos feirantes e consumidores que são: a desproporcionalidade de fluxos de pessoas entre um setor e outro, exposição de carne e frango em tabuleiros sujeito a contaminação por insetos, a falta de organização dos produtos em um único setor por categorias, a fuga dos feirantes e consumidores do mercado de carne e de peixe, transcrevemos a opinião dos feirantes e consumidores, a razão desses problemas e as proposições deles para uma possível melhoria.

Ilustramos a imagem de uma pequena feirinha agroecológica que ocorre nos dias de sábado organizada pelas mulheres integrantes da Associação dos

Moradores do Ajó (AMA) que comercializam produtos exclusivamente extraídos das florestas amazônica e da agricultura familiar cametaense, ilustramos por meio de gráficos os percentuais de consumidores das zonas urbanas, ribeirinhas e rurais que compram na feira livre e a média de renda dos feirantes por categorias de produtos e por locais de mais movimentos, pouco movimentos e quase sem movimentos e descrevemos a opinião dos consumidores sobre o aspecto geral da feira livre de Cametá.

Buscamos através das nossas entrevistas com os feirantes conhecer a realidades deles fora do ambiente de trabalho e nos deparamos com várias situações, muitos estão bem, já aposentados, outros com filhos formados, trabalhado, mas a maioria depende só dos recursos que arrecadam na feira, alguns almoçam e jantam, outros só almoçam quando conseguem comprar. Algumas mães de crianças são obrigadas a dividir o trabalho com o cuidado dos seus filhos porque não tem condições de pagar empregadas para tomarem conta deles, uma série de problemas que precisam de soluções.

Sugerimos que um dos caminhos que pode solucionar esses problemas é a educação, onde os professores sejam valorizados, que tenham condições de dar atenção para os alunos buscando conhecer a realidade de cada criança, descobrir o seu potencial e junto com as autoridades superior da educação darem suportes para o desenvolvimento intelectual, individual de cada aluno, e condições financeira para as famílias de baixa renda terem uma vida digna e saudável.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Alexsandra Araújo de. **A feira livre de Caicó RN: um cenário de tradição e resistência às novas estruturas comerciais modernas** / Alexsandra Araújo de Andrade. - Caicó, 2016.
- BARBOSA, Andréia Cristina da Silva. **Riqueza que mexe com os sentidos: feira livre de Senhor do Bonfim.** / Andréia Cristina da Silva Barbosa. – Salvador, 2013.
- BECKER, Bertha. **Amazônia.** São Paulo, Ática, 1990.
- CALDAS, Cleiton Ribeiro; OLIVEIRA, Janivaldo Costa. **Educação e Trabalho: Cleiton Ribeiro Caldas; Janivaldo Costa Oliveira, Cametá-PA, janeiro de 2014.**
- DURKHEIM, Émile. **Formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
- GUERRA, Gutemberg Armando Diniz; SOUSA, César Augusto Martins de. **Feiras em Altamira, Pará: Confluências de Universos de Significação.** / Gutemberg Armando Diniz Guerra e Cesar Augusto Martins de Souza – Article *in* Amazônica - Revista de Antropologia - July 2010.
- HURLEY, Jorge. **Cabanagem.** Pará, Livraria clássica, 1936.
- MOCBEL, Alberto Moia. **Lembrança da Amazônia Tocantina.** Cametá: Ed. Caringraf 2003.
- MORAIS, Lenize Bentes de; GUEDES, Eneias Barbosa; CARDOSO, Cidiane Ferreira. **Feiras Livres: Espacialidade e temporalidade da Reprodução Camponesa.** Lenize Bentes de Moraes; Eneias Barbosa Guedes; Cidiane Ferreira Cardoso. Santarém 2017.
- POMPEU, José Danúzio Pinto. **Evolução Territorial e urbana de Cametá.** Cametá, fundação IBGE, 2000.
- SANTOS, Flodoaldo Moreira dos. **O Porto de Cametá no espaço de circulação / Flodoaldo Moreira dos Santos – Cametá-PA: Ed. Lendoas, 2015. 136 p.**
- SANTOS, Milton, **1926-2001A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos.** - 4. ed. 2. reimpressão. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- VARGAS, Rosane Marizeti Brum; VARGAS, José Nilton Silva. **Feiras de produtos regionais em Manaus AM: uma estratégia de desenvolvimento local e de sustentabilidade para as mulheres agricultoras familiares no Amazonas.** / Rosane Marizeti Brum Vargas e José Nilton Silva Vargas. Amazonas, 2015.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS FEIRANTES DE CAMETÁ

Questionário nº _____ aplicado em ____/____/_____

Nome: _____

Sexo: Masculino () Feminino () Outros _____

Estado civil: _____ tem filhos: () Sim, quantos _____ () Não

Endereço _____

Telefone: _____ e-mail _____

1.Faixa etária

() Menor de 18 anos () Entre 18 a 30 anos () Entre 31 a 40 anos () entre 41 a 50 () 51 a 60 anos () mais de 60.

2.Escolaridade

() Analfabeto () Ensino fundamental incompleto () Ensino fundamental completo () Ensino médio incompleto () Ensino médio completo () Ensino superior incompleto () Ensino superior completo.

3.A quantos anos trabalha como feirante: () Há mais de um ano () Há mais de cinco anos () Há mais de dez anos () Há mais de quinze anos () Há mais de vinte anos () Há mais de vinte e cinco anos () Há mais de trinta anos.

4.Se mais de 20 anos, qual o percentual de seus produtos foi perdido no incêndio de 14 de outubro de 2001? () De 0 a 30% () de 30 a60% () de 60 a 100%

5.Você perdeu a sua barraca de venda () Sim () Não

6.Como a prefeitura organizou os feirantes vítima do incêndio para continuarem trabalhar na feira?

7.Que espaço você passou utilizar para vender seus produtos após o incêndio?

8.Você ficou satisfeito com o novo espaço? () Sim () Não
9.Como foi a organização do novo espaço?

10.Você recebeu ajuda financeira para voltar trabalhar? () Sim () não

11.Quanto tempo você permaneceu nesse espaço?

12.Existiu algum projeto para reorganizar as vítimas do incêndio?

13.Como foi a remoção dos feirantes para o espaço que estão agora?

14.A prefeitura construiu as barracas desse espaço atual? () Sim () Não

15.Você está satisfeito com a organização desse espaço atual () Sim () Não

Porque? _____

16.Com relação ao seu local de trabalho você considera: () Bom () Regular () Ruim () Precisa melhorar.

17.Na sua opinião, o que deve ser feito para a melhoria da organização do espaço da feira livre de Cameté? Além de você, quantos de sua família trabalham na feira?

18.Qual a sua renda básica mensal na feira? () Menos de um salário mínimo () entre um e dois salários mínimos () entre dois e três salários mínimos () mais de três salários mínimos.

19.Quais os dias de funcionamento de sua barraca? () Apenas aos sábados () A semana toda () exceto aos domingos.

20.De onde são a maioria dos seus clientes?

Descreva em percentual ___% Da cidade ___% Zona rural ___% Ribeirinho ___% outros regiões.

21. Que inovação tecnológica você utiliza para melhorar a sua venda e sua renda?

22. Como você analisa a higienização da feira livre de Cametá feita pela prefeitura?

() Bom () Regular () Ruim.

23. Como você considera a segurança na feira livre de Cametá?

() bom () Regular Péssimo. Porque? _____

24. Que horas você chega no seu trabalho e encerra seu expediente?

Início _____ Término _____

25. Que serviço diário a prefeitura presta na feira livre?

26. Durante você trabalhar, qual o momento mais difícil que você já enfrentou na feira livre de Cametá?

Descreva _____

27. O que você faz na sua barraca para atrair seus clientes?

28. O que levou você a trabalhar na feira?

29. Você está satisfeito com o seu trabalho?

30.Faça suas considerações finais sobre a feira livre de Cametá?

Assinatura

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS CONSUMIDORES DE CAMETÁ

Questionário nº _____ aplicado em ___/___/_____

Nome: _____

Sexo: Masculino () Feminino () Outros _____

Estado civil: _____ Filhos: () Sim Quantos? _____ () Não

Endereço: _____

Telefone: _____ e-mail: _____

Onde trabalha: _____

Idade _____

Escolaridade _____

1. Qual a renda familiar

- () Até um salário mínimo () Mais de dois salários mínimos
- () Cinco salários mínimos () Até quatro salários mínimos
- () Mais de oito salários mínimos () até dez salários mínimos

2. Há quantos anos você frequenta a feira?

3. Em relação às edificações que compõe a feira

Mercado municipal

- () Prédio está em bom estado de conservação () Mal conservado
- () Necessita de reformas

4. Possui sanitários públicos?

- () Se possui, está em bom estado de conservação
- () Necessita de reformas
- () Não possui sanitários em seu interior
- () Não sabe se possui

5. Como você analisa os produtos que compra na feira de Cametá?

- () São de boa qualidade? () regular () péssima qualidade

6. Como são expostas para venda? () Em sacos () No chão

- () Em bacias () Caixotes outros _____

7. Boxes de comercialização de produtos

Carne, aves, peixes e vísceras

Estrutura é boa Estrutura ruim Bem higiênico Falta higiene

8.. Que horas você chega e sai da feira

Início _____ Término _____

9. Quanto gasta em média com alimentação na feira?

10. Você vai à feira:

Todos os dias Semanalmente Quinzenalmente Mensalmente

11. Em sua opinião, qual a diferença entre comprar na feira ou no supermercado?

12. Como você analisa a o espaço físico da feira livre de Cametá?

Bem organizado limpo mal organizado cheio de sujeira

13. Como você analisa a localização das barracas?

Cada produto em seu bloco Mal organizado

14. Como você analisa o atendimento dos feirantes?

bom regular péssimo

15. O que você acha que precisa melhorar na feira livre de Cametá?

Descreva

Assinatura